

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ

Vanderlan da Silva Félix de Lima

**A PLENITUDE DO SER DE DEUS NA OBRA O ENTE E A ESSÊNCIA DE TOMÁS
DE AQUINO**

Teresina

2015

VANDERLAN DA SILVA FÉLIX DE LIMA

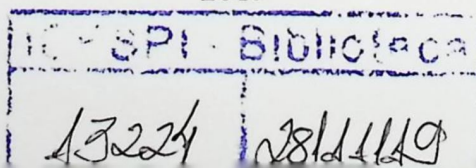
**A PLENITUDE DO SER DE DEUS NA OBRA O ENTE E ESSÊNCIA DE TOMÁS DE
AQUINO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para a obtenção do grau de
Licenciado em Filosofia, no Instituto Católico
de Estudos Superiores do Piauí (ICESPI).

Orientador: Profº. Dr. Pe. Welistony Carvalho
Viana

Teresina

2015



VANDERLAN DA SILVA FÉLIX DE LIMA

**A PLENITUDE DO SER DE DEUS NA OBRA O ENTE E A ESSÊNCIA DE TOMÁS DE
AQUINO**

Aprovado em ____/____/____

Banca Examinadora:

Profº. Dr. Pe. Welistony Carvalho Viana (ICESPI)
Orientador

Profº. Ms. Pe. Amadeu Matias Bernardes Filho
1º Leitor

Profª. Ms. Maria dos Santos Silva Lopes
2º Leitor

A Deus, suprema excelência; o ar que eu respiro o meu melhor amigo, meu companheiro de todas as horas, que me sustentou quando eu quase desisti a quem agradeço de joelhos. Minha inspiração deste trabalho e da vida inteira!

A minha mãezinha LAURINEIDE MARIA DA SILVA (in memoriam), essa conquistas e todas as outras que alcançar na minha vida a ela meus melhores momentos, as minhas mais lindas inspirações, por ser de todas a que me faz melhor a lembrança de seus conselhos de seu sorriso e de seu carinho de sua superproteção é isso que me dá força, é o que me faz levantar todos os dias, mesmo os mais sombrios e difíceis. Sinto sua proteção, sei que caminha comigo, nos meus apuros é sempre o seu nome que chamo por ser quem mais me compreendeu e o amor mais puro que já senti em toda a minha vida... Te amo Mãinha.

Ao seu JOÃO BEZERRA DA SILVA (in memoriam), uma alma boa que Deus colocou no meu caminho, que se desdobrou em carinho e atenção por mim, uma das pessoas que mais torceram para que esse momento chegasse e do céu deve estar muito contente. A VANESSA minha irmã meu maior tesouro, além de ser uma forma segura que mãinha encontrou pra ficar fisicamente perto de mim, a ela os meus dias mais felizes e tudo o que eu conseguir nessa vida. Aos meus avós maternos: MARTINA e ANTÔNIO os melhores pais do Mundo, que me educaram na fé cristã e nos valores éticos e acima de tudo me deram carinho e proteção, me amam de uma maneira que as palavras não conseguiam traduzir, de igual modo meus avós paternos e padrinhos CEIÇA e FRANCISCO lhes sou eternamente grato. A todos os meus amigos que me incentivaram e estiveram comigo na pessoa de MIDIAN SANTOS, um anjo que Deus colocou no meu caminho, que com suas orações, suas palavras, sua presença e com o testemunho de fé me ajudou a construir esse trabalho, me incentivando e me acompanhando a cada momento, minha eterna gratidão, meu sincero reconhecimento e minha mão amiga sempre. Amo a todos com todas as forças do meu coração.

Aos professores do ICESPI, em especial a Prof^o. Dr. padre Wellistony Viana, meu orientador meu formador ,meu amigo e meu maior referencial na vida acadêmica. Que com paciência e competência me ajudou nessa empreitada racional. Que sem ele não lograria menor êxito. Ao padre Amadeu que muito me ajudou providenciando quase todos os livros para a minha referência bibliográfica, minha eterna gratidão.

Ao meu bispo Dom Plínio José, e ao meu eterno pároco, meu incentivador, meu amigo do peito ,a quem agradeço de coração padre Francisco Antônio Feitosa

Ao Projeto “Amigos do Seminário” da Diocese de Picos, na pessoa de Maria Sátira e Luiza Ana, pelo auxílio valioso na minha formação; pelo empenho e pela dedicação à formação dos futuros padres, a todas e a cada uma das pessoas que contribuem fielmente com esse projeto, meu reconhecimento, minha oração e minha eterna gratidão sempre. Ao padre Clodomiro meu primeiro reitor no Seminário de filosofia, um dos meus referenciais de sacerdócio.

Ao meu querido amigo e diretor espiritual Pe. Gilberto Felipe, Ao Pe. Aerton Marcos meu reitor e amigo de todas as horas e ao caro e valioso amigo Pe. João Paulo. A professora mestra Ana Karina Sampaio, por quem nutro um carinho filial, que com solicitude e o carinho de sempre corrigiu o meu trabalho aos amigos, Allef, Marcos A. Antônio e frei Paulo Roberto que revisaram toda a estrutura de meu trabalho. Aos meus bons e fieis amigos Allef e Regis, que fizeram de 2015 o ano mais feliz da minha formação, pela descontraída e feliz convivência. A Assis, e Marcos Vinicius irmãos de diocese com quem convivo desde muitos anos e a todos os amigos da minha turma, sobretudo a Jeane meu exemplo de perseverança e esforço por ter me mostrado que vale a pena perseverar que vale apenas se dedicar e que o melhor não é o mais fácil, mas o que mais forma.

Aos professores do ICESPI, em especial a Prof^o. Dr. padre Wellistony Viana, meu orientador meu formador ,meu amigo e meu maior referencial na vida acadêmica. Que com paciência e competência me ajudou nessa empreitada racional. Que sem ele não lograria menor êxito. Ao padre Amadeu que muito me ajudou providenciando quase todos os livros para a minha referência bibliográfica, minha eterna gratidão.

Ao meu bispo Dom Plínio José, e ao meu eterno pároco, meu incentivador, meu amigo do peito ,a quem agradeço de coração padre Francisco Antônio Feitosa

Ao Projeto “Amigos do Seminário” da Diocese de Picos, na pessoa de Maria Sátira e Luiza Ana, pelo auxílio valioso na minha formação; pelo empenho e pela dedicação à formação dos futuros padres, a todas e a cada uma das pessoas que contribuem fielmente com esse projeto, meu reconhecimento, minha oração e minha eterna gratidão sempre. Ao padre Clodomiro meu primeiro reitor no Seminário de filosofia, um dos meus referenciais de sacerdócio.

Ao meu querido amigo e diretor espiritual Pe. Gilberto Felipe, Ao Pe. Aerton Marcos meu reitor e amigo de todas as horas e ao caro e valioso amigo Pe. João Paulo. A professora mestra Ana Karina Sampaio, por quem nutro um carinho filial, que com solicitude e o carinho de sempre corrigiu o meu trabalho aos amigos, Allef, Marcos A. Antônio e frei Paulo Roberto que revisaram toda a estrutura de meu trabalho. Aos meus bons e fieis amigos Allef e Regis, que fizeram de 2015 o ano mais feliz da minha formação, pela descontraída e feliz convivência. A Assis, e Marcos Vinicius irmãos de diocese com quem convivo desde muitos anos e a todos os amigos da minha turma, sobretudo a Jeane meu exemplo de perseverança e esforço por ter me mostrado que vale a pena perseverar que vale apenas se dedicar e que o melhor não é o mais fácil, mas o que mais forma.

...e a curiosidade é o desejo de saber por saber, e isso é curiosidade; outras, para alcançarem fama, e isso é vaidade; outras, para enriquecerem com a sua ciência, e isso é um negócio torpe; outras, para serem edificadas, e isso é prudência; outras, para edificarem os outros, e isso é caridade.”.

Palavras sábias de Tomás de Aquino. São Paulo, Portugal.

“Há pessoas que desejam saber só por saber, e isso é curiosidade; outras, para alcançarem fama, e isso é vaidade; outras, para enriquecerem com a sua ciência, e isso é um negócio torpe; outras, para serem edificadas, e isso é prudência; outras, para edificarem os outros, e isso é caridade.”.

(Tomás de Aquino)

RESUMO

Propõe-se neste estudo, uma leitura e descrição crítica do pensamento de Santo Tomás de Aquino, sobre a plenitude e a perfeição do ser de Deus. Destacam-se aqui, suas ideias principais sobre este assunto contidas no seu opúsculo o ente e a essência. A linha de direcionamento deste trabalho reside no pensamento tomista, desde a sua inspiração e embasamento em Aristóteles, observando a estrutura basilar da filosofia aristotélica, reconhecendo-a como a filosofia da verdade, passando para a sua formulação da hierarquização do ser onde os entes participam em diferentes graus e níveis do ser de Deus, só, chegando assim a sua descoberta genial da perfeição deste Ser que em última análise é o próprio Deus, reconhecendo que Nele a essência e a existência se identificam nos entes não. Evidenciaremos também outros pensadores que se fundamentaram na filosofia tomista para entenderem e explicarem a perfeição do ser absoluto e sua plenitude, sua simplicidade e outros atributos inerentes a ele.

Palavras- chave: Tomás de Aquino. Ser. Deus. Perfeição.

ABSTRACT

It is proposed in this study, a critical reading and description of St. Thomas Aquinas's thought, about the fullness and perfection of God's being. They are highlighted here, his main ideas about this subject contained in his booklet, the being and the essence. The direction line of this work lies in the Thomistic thought, since his inspiration and basement in Aristotle, observing the basic structure of Aristotelian philosophy, recognizing it as the philosophy of the truth, going to the wording of the hierarchy of the being, where the loved participate in different degrees and levels of the being of God, thus reaching his brilliant discovery of the perfection of this being that, therefore, it is God himself, recognizing that in Him the essence and the existence are identified in the loved. They also will be showed other thinkers who were based in Thomistic philosophy to understand and explain the perfection of the absolute being and his fullness, his simplicity and other attributes inherent to him.

Key words: Thomas Aquinas. Being. God. Perfection.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. A INFLUÊNCIA DE ARISTÓTELES NA FILOSOFIA TOMISTA	12
2.1 As estruturas basilares da metafísica de Aristóteles.....	12
2.2 A substância supra-sensível (a causa primeira).....	15
2.3 A relação entre Tomás de Aquino e Aristóteles.....	17
3. A HIERARQUIZAÇÃO DO SER DE TOMÁS DE AQUINO	22
3.1 A essência e o ato de ser (actus essendi).....	22
3.2 A hierarquização do ser.....	24
3.3 A essência das substâncias compostas e simples.....	27
4. O SER DE DEUS.....	31
4.1 A Simplicidade do ser de Deus.....	32
4.2 A perfeição do ser de Deus.....	34
4.4 Complementos filosóficos sobre os atributos e a perfeição do ser de Deus	37
5. CONCLUSÃO.....	42
REFERÊNCIAS	45

1. INTRODUÇÃO

Essa pesquisa monográfica tem o intuito de organizar as ideias principais de Tomás de Aquino, no que diz respeito a perfeição e a plenitude do ser de Deus, bem como sua essência e sua existência, a essência e a existência dos entes. Este trabalho é um requisito obrigatório para a conclusão do curso de licenciatura plena em filosofia, do Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí. A importância de se trabalhar sobre esse tema é justamente a reflexão que o permeia, e o salto que lança o pesquisador que se propõe a tão ousada pesquisa. E sair da sensibilidade das coisas e buscar o seu fundamento primeiro. Exigindo assim o máximo de intensidade de reflexão.

Pretendemos, pois, adentrar numa parte da filosofia de Tomás de Aquino, e descrever seu pensamento sobre a perfeição *do ser de Deus*, exposto na sua obra *o ente e a essência*. Pois sobre o ser versa toda a metafísica clássica, e sobre o ser de Deus se entende como realidade primeira de todas as coisas, como perfeição absoluta e fundamental. Para tanto se utilizará tão somente de pesquisas bibliográficas. Serão de grande importância também a exposição de comentadores que estudaram e escreveram sobre a filosofia tomista.

Neste trabalho, serão refletidas as ideias centrais da filosofia tomista, destacando também as principais fontes que a inspiraram, a saber: Aristóteles, Avicena, Avicbron, Boécio, Santo Alberto Magno, embora esse último não seja citado na obra que servirá de embasamento para todo este trabalho, pois era costume da época não citar o nome de autores vivos.

Embora Tomás de Aquino seja mais conhecido pela sua teologia, aqui procurou-se evidenciar à sua contribuição a filosofia, não esquecendo que a sua preocupação primeira ao fazer essa filosofia foi a de descobrir um instrumento apto para a ciência teológica. Mas aqui ressalta-se a sua atividade intelectual puramente filosófica, centrando tão somente em temas filosóficos.

De tal forma, que este trabalho procura ajudar no caminho que deverá ser percorrido na busca de aprofundar o conhecimento sobre o ser perfeito de Deus, sabendo que para essa empreitada, tomar-se-á como mapa norteador reflexões de cunho metafísico, elaboradas no período medieval da história da filosofia; adentraremos numa dimensão transcendental própria de reflexões desse tipo. Para tanto, além do autor principal, o doutor angélico e a sua obra escolhida, é necessário valer-nos de pensadores que se debruçaram sobre essa mesma questão, e de comentadores.

Este estudo exporá como Tomás de Aquino, concebia a perfeição e é a plenitude do ser de Deus, ou ainda o porque que em Deus a essência e a existência se identificam. Sendo impossível acontecer em qualquer ente que seja. Analisar-se-á hierarquização proposta pelo Aquinate, destacando o grau de participação que as coisas têm com a “causa primeira”, e o “ato puro”, desde as substâncias compostas até as simples para se entender o que as confere “mais ou menos ser”.

Esta pesquisa monográfica está organizada da seguinte forma: abordamos, em linhas gerais, a estrutura basilar da metafísica de Aristóteles, fonte inspiradora e embasadora de toda a filosofia tomista, evidenciando as divergências e os acréscimos feitos por Tomás. No segundo momento, apresentamos na filosofia tomista propriamente dita, com o conceito de participação (herdado de Platão) e de hierarquização do ser, que sugere que as coisas participam do ser de Deus em diferentes níveis ou graus. E por fim, mostramos como o autor em estudo chegou a plenitude do ser de Deus, grande descoberta do Aquinate, grande contribuição à filosofia, ultrapassando de muito os pensamentos de Platão e Aristóteles.

Procuramos destacar também o que era genuinamente tomista e o que era influência ou acréscimo de outros pensamentos filosóficos, por exemplo de Aristóteles. Mesmo sendo citado várias vezes e, como se dizem “cristianizado” por Aquino, mostramos a autonomia e os acréscimos geniais próprios da filosofia tomista. Recorremos também ao final a explicação e o complemento dos atributos de Deus, respondendo ao questionamento do porquê se recorrer a vários atributos para se falar de uma realidade única e simples que é Deus.

As reflexões tomistas acerca do ser e de sua plenitude, da hierarquização e participação dos entes nos fundamentarão este trabalho, não somente como uma teoria feita há séculos, mas como um processo dinâmico e altamente racional. Tomás foi capaz de retomar a filosofia Aristotélica e também platônica e as cristianizar, o que significa dar-lhes uma dimensão mais cristã. Que nem de longe pode ser desconsiderada na filosofia ou no pensamento lógico-racional, por que se utilizou Tão somente da própria razão, e o fez como ninguém antes havia feito, e nem tampouco conseguira desfazer.

Se for percorrido, como propomos esse caminho, partindo da base recebida em Aristóteles, analisando o núcleo do pensamento do Aquinate, chegar-se-á com maior facilidade à plenitude e a perfeição do ser de Deus. E se entenderá com maior clareza como Tomás de Aquino concebe a causa primeira a sua simplicidade, sua infinitude perfeita. Pois nele e por ele toda a natureza e os entes que a compõe existem, noutras palavras, “toda coisa é” por que tem ser e tem ser por que participa do Ser por excelência sublime e perfeito que é Deus.

2 A INFLUÊNCIA DE ARISTÓTELES NA FILOSOFIA TOMISTA

Neste primeiro momento de nosso trabalho monográfico, antes de entrarmos no nosso tema propriamente dito, estudaremos a importância que Aristóteles teve na filosofia de nosso autor São Tomás de Aquino, acentuaremos a estrutura básica da filosofia aristotélica, faremos a devida relação entre ambas, observando também as divergências.

Na segunda e terceira etapas de nosso trabalho, adentraremos no pensamento tomista, sobre a perfeição, a simplicidade, e a bondade do ser de Deus, o Ato puro e a causa primeira, da qual todas as coisas participam em diferentes graus e ganham ser. Seria este primeiro capítulo o alicerce do qual necessitamos para construir o nosso edifício do constructo do pensamento filosófico em questão.

Há quem diga que Tomás de Aquino foi completamente fiel à filosofia de Aristóteles. Outros percebem a divergência, deste modo o objetivo desta pesquisa é evidenciar até que ponto Aristóteles o inspirou, onde eles se divergem e o que o aquinate acrescentou. O que sabemos é que Aquino viu na filosofia aristotélica a filosofia da verdade e que se inspirou nela, na construção do seu pensamento.

Entre os que defendem a fidelidade de Aristóteles está Charle Jourdain que diz: “os comentários de Santo Tomás oferecem (...) raramente algum traço de suas próprias opiniões” (TORRELL, 1993, p. 276). E entre os que defendem a autonomia de Aquino em relação a Aristóteles estão: L. Schutz ou E. Rolfes que “não deixaram de apontar que Tomás não se priva em absoluto exprimir seu ponto de vista pessoal, retificando e amplificando Aristóteles, quando acha necessário. (*Idem*)

Outrossim determo-nos a partir de agora em expor os conceitos principais da filosofia aristotélica, que foram essenciais na filosofia tomista, o que nos possibilitará fazermos tal análise no final deste capítulo a devida relação, ponderando as divergências e os acréscimos de Tomás de Aquino, na filosofia de Aristóteles.

2.1 As estruturas basilares da metafísica de Aristóteles

Exporemos em linhas gerais, os principais conceitos da filosofia aristotélica que serviram de inspiração para Tomás de Aquino. Para tanto, faz-se necessário retomarmos conceitos básicos, como o de substância e acidente, ato e potência, forma e matéria dentre outros.

Ao estudarmos o conceito de substância, verifica-se que tal conceito faz referência sobre a explicação da realidade, a partir da própria realidade, não fora dela é aí exatamente o momento que Aristóteles discorda de seu mestre Platão, que concebia o fundamento das coisas como sendo transcendente, quando propôs o *Mundo das ideias*. Para explicarmos a realidade nada melhor do que recorrermos ao mundo real e não ao ideal. (Aristóteles M, 1003 b, 1028 a, 1017b)

Antes de tudo, a teoria das ideias não explica o ser das coisas. De fato, segundo a teoria de Platão, as ideias constituem o ser ou a “substância” das coisas. Ora, “ como é possível que as ideias, sendo a substância das coisas, existam fora das coisas ? . Para aplicarem o ser das coisas as ideias devem existir nas coisas e não fora delas. (MONDIN, 1981, p. 9)

Tendo dito isto, acrescentamos que em todos os seres a substância é “primeira”, por que o conceito de substância está implicado no conceito de outras categorias. Aristóteles enumera seus tipos fundamentais, as materiais corruptíveis, as incorruptíveis e as imateriais . As materiais corruptíveis, são assim chamadas, por que são sínteses de forma e matéria (que estudaremos a seguir), dois elementos separáveis. As incorruptíveis e as imateriais como o próprio nome sugere são pura forma, por exemplo o tempo e o movimento. E por acidente entendemos aquilo que só existe noutra coisa, podemos usar o exemplo clássico da parede branca, a brancura por si só não existe, senão na parede ou noutra substância. Em suma o que realmente existe é a substância. (cf *Aristóteles M*¹, 1003 b, 1028 a, 1017 b)

Há uma problemática relativa à substância, existem duas correntes que divergem entre si quanto ao princípio substancial: os Naturalistas que dizem ser a matéria esse princípio e o Platônicos que afirmam ser a forma (ideia). E por fim, qual dos dois seria o princípio constitutivo da substância? O estudo de Aristóteles nos possibilita responder essa questão. Segundo ele seria o composto dos dois, aquilo que ele chama de “sinolo”, a matéria por que dela depende todas as coisas sensíveis e a forma, como realização e determinação da matéria. “O composto de matéria e forma, que Aristóteles chama “sinolo” (que significa precisamente o conjunto ou o todo constituído de matéria e forma), é substância a pleno título, porque reúne tanto a “substancialidade” do princípio material, quanto a do formal” (REALE, 1990, p. 184)

¹ Metafísica de Aristóteles, livro original. Sempre que a ela nos referirmos, indicaremos o número onde está localizada na obra a referida citação. É uma série de tratados escritos por Aristóteles séc (IV a.C), o termo metafísica não foi utilizado por ele, mas pelo seu discípulo Andrônico de Rodes no séc (I a. C) . As mais das vezes Aristóteles usava a expressão “filosofia primeira” (...) Com efeito a “filosofia primeira” é precisamente a ciência que se ocupa das realidades que estão acima das realidades físicas. (cf REALE, 1990, p.179)

No que diz respeito a substância nos apoiamos em Reale (1990) quando diz que Aristóteles define a metafísica simplesmente como a “*teoria da substância*”. E apresenta ainda a problemática da substância como muito complexa e espinhosa. Segundo ele é em torno dela que giram todos os significados do ser. Há então uma divergência nos próprios escritos de Aristóteles, no que diz respeito a resposta a problemática da substância, como veremos a seguir:

Sendo assim, alguns acreditaram poder concluir que a “substância primeira” é precisamente o “sinolo” e o indivíduo sendo a forma e a “substância segunda”. Mas essas afirmações que podem ser lidas na obra *Categorias*, são contrariadas pela *Metafísica*, onde se pode ler expressamente: “chamo de forma a essência de cada coisa e a substância primeira” (REALE, 1990, p. 184)

Faz-se necessário uma análise do que seja *forma e matéria*. A forma é o princípio de determinação e realização da matéria, é a essência da coisa, aquilo que faz com que uma coisa seja aquilo que ela é. E matéria, como o próprio nome sugere, seria todas as coisas sensíveis, materiais, que carecem da forma para ser concretizada e determinada como fora dito acima. Daí a superposição da forma em relação à matéria. Não há matéria sem forma, no entanto há forma sem matéria. Por exemplo, as realidades eternas como a inteligência e a alma e o ato puro que é Deus. (cf *Aristóteles M*, 1029 a, 982 a)

Para ilustrarmos melhor a relação de matéria e forma nos utilizaremos das palavras de São Tomás de Aquino, encontradas no opúsculo o *ente e a essência*, que serve de texto base e corpus para este trabalho monográfico, mais especificamente quando este autor afirma que a forma é a causa de ser da matéria. Há forma sem matéria, no entanto não existe matéria sem forma:

E é fácil de ver como isto se dá. De fato, quaisquer que estejam entre si de modo que um seja a causa de ser do outro, aquilo que tem noção de causa pode ter ser sem o outro, mas a recíproca, não é verdadeira. Ora, acontece que o relacionamento da matéria e da forma, é tal que a forma dá ser a matéria e, deste modo, é impossível que haja matéria sem alguma forma; no entanto, não é impossível haver alguma forma sem matéria. De fato, a forma, por ser forma, não tem dependência para com a matéria. Mas se encontram algumas formas que não podem ser senão na matéria, isto lhes advém na medida em que estão distanciadas do primeiro princípio que é o ato puro. (E E, 48)²

² Neste trabalho temos o opúsculo o ente e a essência, de São Tomás de Aquino, como obra principal de embasamento, o citamos com a seguinte abreviatura: E E (Ente e essência), e indicamos o número onde está localizada na obra a referida citação, como fizemos na citação acima, procederemos nas demais advindas desta obra. O Ente e a Essência desenvolve o núcleo básico da filosofia de São Tomás de Aquino. Embora tenha sido ventilado, como o de sua elaboração, o período entre os Anos 1248 e 1252 quando São Tomás terminava seus estudos teológicos na cidade de Colônia. Os historiadores mais abalizados, pensam ter sido escrito o opúsculo entre os anos 1252 a 1256.

A partir da matéria e da forma, Aristóteles descobre os princípios de *Ato e Potência* (Aristóteles M., IX) os quais não podem deixar de ser abordados nesta pesquisa. Estes podem ser vistos como a resposta ou a solução do problema do ser e do devir, dos pré-socráticos, que tiveram continuidade em Platão e, que decididamente não resolveu o problema dos seus predecessores com o Mundo das ideias e o Mundo sensível (ou das sombras). Como se vê no seguinte trecho:

A teoria das ideias de Platão, ele a concebeu para explicar o problema suscitado pelas filosofias de Parmênides (negadora do movimento) e de Heráclito (negadora do ser permanente). Sem ter ainda chegado a tese de ato e potência de Aristóteles, Platão tenta conciliar o fluxo e a permanência das coisas com uma explicação eclética: há o Mundo do ser permanente, de realidades Universais, eterno – o mundo das ideias; e o Mundo sensível que é reflexo daquele. De fato, Platão não resolveu o problema, mas justapôs duas teses opostas. (MOURA, 1981, p. 141)

Estudaremos resumidamente o segundo (potência), para compreendermos melhor o primeiro (ato). De potência se entende a capacidade de assumir uma determinada forma, utilizaremos o exemplo clássico do mármore que em ato é mármore, mas traz em si a potencialidade de se transformar em estátua e em tantos outros objetos que podem ser feitos a partir dele. Dessa forma, o ato como a concretização dessa capacidade, tem a prioridade e a superposição em relação a potência que só existe num ato.

O ato tem primazia sobre a potência, pois esta é por ele definida, e toda potência depende de dois atos: do ato que extrínseco de uma causa eficiente e do ato intrínseco que a determina. Contudo o ato é limitado pela potência. Não pode o ato limitar-se a si mesmo, porque, sendo perfeito em sua ordem, se o fizesse seria perfeição e imperfeição simultaneamente na mesma ordem. Ora isso é contra o princípio da contradição. (MOURA, 1981, p. 159)

Na citação acima concluímos o nosso pensamento a cerca de ato e potência e mostramos a relação existente entre esse dois conceitos. A essência não existe sem o ato pois ele a define e o ato não pode limitar a si mesmo, seria uma imperfeição, o ato que é a determinação última da coisa, sendo perfeito não pode ser imperfeito ao mesmo tempo, caso isso ocorresse atentaria contra o princípio da não contradição³. (Aristóteles, M, 5.1, 1013A 17-19)

2.2 A substância supra-sensível (a causa primeira)

³ O princípio da não-contradição criado por Aristóteles, expõe seja positivamente a identidade do ser, seja negativamente a incontraditoriedade do ser, ou seja sua posição ao não-ser: o ser enquanto ser é absolutamente, incondicionalmente, necessariamente ser e não pode não ser.

Analisaremos agora como o estagirita chegou ao conceito de *substância supra-sensível*, ou *causa primeira*, a compreensão deste conceito é muito importante para a compreensão das etapas seguintes desta pesquisa, uma vez que se trata Deus, o ser perfeitíssimo que organiza e orienta todas as coisas, sendo Ele o princípio e o fim de tudo o que existe, o *motor imóvel* “que move tudo e não é movido por nada”. (cf *Aristóteles M*, 1071b, 1072 a)

Como já vimos no início deste capítulo o conceito de substância ou a realidade primeira de todas as coisas é a essência (aquilo que faz que uma coisa seja ela mesma e não outra). Segundo Aristóteles o tempo e o movimento não se corrompem, são incorruptíveis. Em relação à incorruptibilidade do movimento, podemos afirmar que se dá justamente devido ao tempo, sendo que o tempo é uma determinação do movimento. A eternidade do primeiro supõe a eternidade do segundo. Como afirma (Reale 1990):

Mas diz Aristóteles, o tempo e o movimento são certamente incorruptíveis. O tempo nem foi gerado e nem se corromperá: com efeito antes da geração do tempo, deveria ter havido um “antes” e, depois da destruição do tempo deveria haver um “depois”. Ora, “antes” e “depois” outra coisa não são, senão tempo. Em outras palavras, o tempo é eterno. O mesmo raciocínio vale também para o movimento, porque, segundo Aristóteles, o tempo outra coisa não é senão a determinação do movimento. A eternidade do primeiro postula a eternidade do segundo (REALE, 1990, p. 186)

Segundo Silva, 1994, o Deus que Aristóteles descobre é puramente lógico, no sentido de ser deduzido a partir do raciocínio do princípio do movimento, o primeiro motor é a causa de todo o movimento, move todas as coisas, e causa final. Pode-se dizer ainda desta força vital, que é *ato puro*, pois como vimos na definição de potência, ela comporta ou evoca uma mudança, um crescimento, uma alteração, enquanto o ato “é”. Em outras palavras, pode-se dizer que esse princípio vital não pode ser passivo de movimento, sendo imóvel, será a causa de tudo o que é móvel, e claro, precede o movimento enquanto tal.

Aqui chegamos num ponto importante desta pesquisa. Se seguirmos o raciocínio lógico de Aristóteles e, se perseguirmos o processo do movimento, depararemos-nos com o seguinte questionamento: como o tempo começou?. A resposta de tal questionamento seria exatamente a existência de uma *causa primeira*, que é a causa de tudo o que existe, ou um *motor imóvel*, que move todas as coisas e não é movido por nada. Se assim não fosse, cairíamos num círculo vicioso, ou num “vácuo eterno”, pois estaríamos perseguindo algo que não tem fim. O que seria impossível irmos de causa em causa até o infinito.

O movimento tem seguramente uma origem, diz Aristóteles; e se não quisermos precipitar uma regressão estéril ao infinito, carregando nosso problema num interminável recuo, temos de considerar como fato estabelecido um primeiro motor sem movimento (*primum mobile immotum*), um ser incorpóreo, indivisível, ilimitado, asexuado, desapaixonado, imutável, perfeito eterno. (DURANT, 1994, p.88)

Quando nos referimos á imutabilidade da causa primeira, que a tudo move e que não é movida por coisa alguma estamos confirmando o que diz (Reale, 1981, p.186), “só o imóvel é causa absoluta do móvel”, ou seja, tudo o que está em movimento é movido por outro. Constatando essa causa imóvel, concluímos que da “*substância supra-senível*”, dependem todas as outras substâncias. E que deste princípio imóvel depende todo o movimento do Universo “ (idem, p.187)

O ser supremo é assim para Aristóteles, ao mesmo tempo, o valor supremo, o *ens perfectissimum*. Como todos os seres tendem para esse perfeitíssimo ser, põe ele o Mundo em movimento, pelo amor. Podemos concluir uma das questões desta pesquisa, ressaltando a importância da causa primeira e do motor imóvel, como a etapa mais importante na realização e no movimento de tudo o que existe. Chegamos assim ao ponto principal de toda a metafísica de Aristóteles, a saber, ao conceito de motor imóvel, que recebe o seu último fundamento na filosofia do ato e da potência e sobre o qual Aristóteles os últimos três livros de sua metafísica. (cf. HIRCHSBENGER, 1969, p.214)

2.3 A relação entre Tomás de Aquino e Aristóteles

Tendo sido expostas em linhas gerais e de forma embrionária a estrutura basilar da filosofia de Aristóteles, pode-se então fazer uma relação com Tomás de Aquino, objeto desta investigação. Além disso, esclarecermos até que ponto a filosofia aristotélica o influenciou, em qual momento houve divergências conceituais, o que ele acrescentou à sua obra, e o porquê de dizerem que Tomás de Aquino cristianizou a filosofia Aristotélica; dentre outros pontos, que acharmos por bem destacar.

Mesmo Aristóteles sendo tão importante na filosofia tomista, não se exclui a autonomia do aquinate, sua filosofia foi além, conseguindo galgar estágios superiores por assim dizer (como veremos a seguir). No entanto, Tomás de Aquino não teria erguido o seu admirável pensamento se não fosse a verdade e a inspiração da filosofia aristotélica.

Grande foi a influência de Aristóteles, na filosofia tomista, o que não exclui autonomia no modo de pensar do doutor angélico. A sua filosofia não se resume à filosofia de Aristóteles, como também não existe a parte. É um enorme erro dizer-se

que a filosofia de São Tomás é a filosofia de Aristóteles. A filosofia de São Tomás é a filosofia de São Tomás. E seria grande erro dizer que São Tomás não deve a sua filosofia à de Aristóteles (MOURA, 1981, p. 164)

Em primeiro lugar, vale ressaltar que a preocupação primeira do autor em questão, ao fazer filosofia, foi exatamente a de procurar um objeto apto para a ciência teológica. Por tanto, ele se torna mais conhecido pela sua teologia. Mas aqui, ressalta-se a sua atividade intelectual puramente filosófica, detendo-se tão somente aos aspectos racionais de seu pensamento, sem levar em consideração os temas teológicos, refletidos a partir da fé cristã.

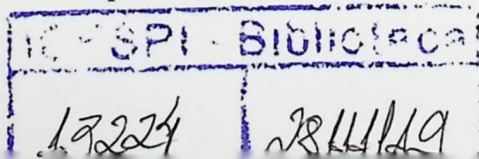
Por isso, a obra que escolhemos como base e inspiração para este trabalho monográfico consiste no *De ente et essentia*. *O ente e a essência*, encerra o núcleo básico da filosofia de S. Tomás de Aquino, o jovem mestre de Paris, manifesta-se tão filósofo articulando todo o seu pensamento em temas exclusivamente filosóficos. (MOURA, 1981, p. 9)

Aqui queremos destacar a grandiosa importância que teve a filosofia de Aristóteles, no pensamento de Tomás de Aquino, toda a sua reflexão partiu do pensamento do estagirita. O que o fascinou na filosofia de Aristóteles, foi exatamente por visto nela o que precisava na elaboração do seu pensamento teológico, viu na sua filosofia a verdade que buscava para fundamentar também a sua doutrina. A verdade foi que ele tomou vários conceitos de Aristóteles como inspiração.

Não poderia o doutor Angélico encontrar mestre mais credenciado que o estagirita, neste firmou-se para fundamentar a sua doutrina, deste tirou a sua filosofia, não apenas por ser ele o filósofo mais em evidência no século XIII, tampouco só para tirar dos seus princípios o verdadeiro instrumento para o seu pensamento teológico, mas, principalmente por ter descoberto nele a filosofia da verdade. (MOURA 1981, p. 103)

Como fora dito no pré-âmbulo deste capítulo, por um lado há os que afirmam que Tomás de Aquino foi completamente fiel à filosofia de Aristóteles, a ponto de expor pouquíssimas vezes as suas próprias ideias, fazendo das palavras dele as suas. De fato alguns críticos do aquinate, não conseguem ver na sua filosofia nada além da filosofia aristotélica. “Os comentários de Santo Tomás, oferecem raramente algum traço das suas próprias opiniões, ele fala quase sempre seguindo Aristóteles, raramente por si mesmo, podemos contar as passagens em que ele se afasta dessa regra” (cf. TORRELI, 1993, p. 276)

Por outro lado, há os que dizem que o aquinate divergiu sim da filosofia de Aristóteles, e que não se priva de expor o seu ponto de vista pessoal sobre determinados



assuntos. E a sua grande inferência por assim dizer no pensamento do estagirita foi justamente de o “cristianizar”. É comum ouvirmos ou lermos por aí que Aquino “cristianizou” Aristóteles:

Quanto à fidelidade aristotélica dessa exegese, os historiadores foram se tornando cada vez mais críticos. Reconhece-se que é inteligente, e sem dúvida profunda, muitas vezes literal, mas não deixou de desvirtuar a doutrina de Aristóteles em pontos decisivos. Como jocosamente o dizia um de seus maiores intérpretes contemporâneos: Tomás “batizou” Aristóteles e que seu esforço foi o de lhe restituir certa pureza, a fim de utilizá-lo como novo instrumento de sua reflexão teológica. (TORRELI, 1993, p. 277).

A filosofia de Tomás apresenta algumas divergências em alguns momentos da filosofia de Aristóteles. Aqui destacamos o modo de conceber a expressão “*enquanto ente*”. Para Aristóteles, o ente enquanto ente é a substância, para Tomás é o ser. Para Aristóteles, o ente enquanto ente é a substância, pelo fato de que essa possui a “entidade” de modo autônomo. Já em Santo Tomás, aquilo que constitui o ente enquanto ente é o ser. É o ente por definição, e não outro que possui o ser. (cf. SILVA, 1994, p. 96)

Outro ponto claro da distinção é exatamente como os dois concebiam a natureza de Deus. Aristóteles, como grego que era, tinha a consciência da causa primeira e essencial na organização do mundo no que diz respeito ao movimento, no entanto não o definia como o criador dele. Segundo ele, Deus é um ser incorpóreo, indivisível, desapaixonado, perfeito e eterno, Deus não cria, mas movimenta o mundo; e o movimenta não como uma força mecânica, mas como a motivação total de todas as operações do mundo (cf. DURANT, 1994, p. 89). A perfeição de Deus era tal, a ponto de viver no “seu Mundo”, indiferente a tudo e a todos, pois se bastava e se auto-realizava.

Aristóteles representava Deus como um espírito auto-consciente. Um espírito um tanto misterioso; pois o Deus de Aristóteles nunca faz nada; não tem nem desejos nem vontade, nem finalidade, é atividade num estado tão puro que nunca age. O Deus aristotélico é do tipo nada romântico, recolhido à sua torre de marfim, longe das lutas e tensões. Distante do Mundo dos reis filósofos de Platão, da severa realidade de carne e osso de Yahveh ou da solícita figura paternal do Deus cristão. (DURANT, 1994, p. 90s)

Tomás concordava a respeito de todos os atributos de Deus, sua plenitude aqui tratada nesta pesquisa, sua grandeza, etc, mas como cristão que era e, sobretudo teólogo, tinha a imagem de um Deus criador, que além do mais ama a criatura, que à medida em que dele se aproxima fica repleta do seu ser.

Vale ressaltar que o conceito de participação é platônico e Tomás herdou por meio de Santo Agostinho. “Deus move o mundo como o objeto amado move a quem o ama”. Deus não é apenas o “bem supremo”, ou um “demiurgo”, que plasma o mundo e se mantém indiferente a respeito do que nele acontece, ou o “primeiro motor”, mas é o “criador” do Mundo: causa de todo ser criado. (cf. SILVA, 1994, p.90). Vemos aí nitidamente a diferença do pensamento de Tomás e Aristóteles, e a autonomia por assim dizer do pensamento de Tomás.

Assim o enxerto tomista no tronco aristotélico brotou com floração de outra natureza. Deus causa eficiente, não apenas causa final; origem do Universo e do tempo, não na eternidade; matéria prima criada, não eterna; distinção nítida entre essência e existência; Deus ser subsistente, não apenas inteligência subsistente de si mesma; moral de beatitude de post mortem, não apenas moral de virtudes terrenas, são todas essas teses do Angélico diversas das do grande mestre grego, que permitem afirmar a existência de uma filosofia tomista. (MOURA, 1991, p.104)

Respondendo ao questionamento anterior do por quê da cristianização da filosofia aristotélica por Tomás de Aquino, pode-se dizer que filtra dela o seu cerne, a sua ideia principal, mantém o que é verdadeiro e afasta tudo o que vai contra a fé, basta lembrarmos que ele procura o verdadeiro instrumento para o pensamento teológico, que supõem a revelação.

O problema de Tomás de Aquino era, então, manter aquilo que tinha por verdadeiro, sem destruir posições teológicas fundamentalmente boas, e que eram ensinadas como verdadeiras durante séculos. Ele se valia do que lhe convinha e que também convinhesse à fé que professava; purificando os excessos e completando as lacunas, mantendo sem dúvida a originalidade da verdade que esses ensinamentos aristotélicos portavam.

“Após a releitura de Aristóteles, feita sob as luzes da revelação, são Tomás afasta o que de incompleto, de desvirtuado pelos intérpretes, de contrário a fé, e mesmo de incorreto pudesse nele haver, conservou-lhe a, porém a verdade, corrigiu-lhe os erros, completou-lhe os acertos”. (MOURA, 1981, p.103)

O que Tomás de Aquino fez, não foi uma mera repetição de Aristóteles, nem tampouco foi alguém interessado em retomar o seu pensamento e reconstruí-lo. Como já dissemos repetidas vezes, a filosofia aristotélica foi apenas o seu ponto de partida, em busca da verdade que alcançou níveis até então não alcançados.

Tomás, ao se debruçar sobre a obra aristotélica, não se preocupava em reconstruir a sua doutrina ou ser um mero comentador. Ele efetivamente tomou a filosofia de Aristóteles como o seu ponto de partida para um empreendimento superior, que se

dirigia a uma realidade que o próprio Aristóteles não fora capaz de abarcar. No maravilhoso edifício ontológico do estagirita, faltava ainda arrematar os andares superiores. Tão digna empreitada seria obra do Doutor Angélico da Igreja. (SANTOS,2012)

Queremos destacar a importância do pensamento de Avicena⁴, e também a sua grande influência em toda a filosofia medieval, devido a forte ligação de sua filosofia com a filosofia de Aristóteles. Sendo ele o precursor, por assim dizer, ou o responsável por introduzir o pensamento de Aristóteles no mundo cristão.

Em suas obras São Tomás cita Avicena 250 vezes, no *De ente et essentia*, 13 vezes, número superado somente por Aristóteles. A simples leitura dessas citações, mostra em quanto São Tomás depende de Avicena neste opúsculo. O seu opúsculo IV está constituído, na sua quase totalidade, de doutrina aviceniana. (MOURA, 1981, p. 105)

Até aqui vimos o quanto o pensamento de Aristóteles foi essencial para Tomás de Aquino, mas queremos destacar também tantos outros grandes pensadores que foram relevantes no desenvolvimento da filosofia tomista, a saber: Averrois, Avicbron, Santo Alberto Magno, esse último não foi citado nenhuma vez pelo aquinate, embora tenha sido o seu grande mestre, pois era costume na época de não citar nomes de autores vivos.

Tomás faz um resumo esclarecedor por assim dizer da filosofia de Avicena, por ser esta tão vasta, e em muitos momentos se mostra bem fiel a ela, chegando a usar os mesmos exemplos, e os mesmos termos utilizados por ele, para ilustrar a sua filosofia. “São Tomás, resume, sintetiza e esclarece a difusa exposição do filósofo árabe, mas são os mesmos pensamentos, os mesmos exemplos, e, algumas vezes, os mesmos termos”. (cf.MOURA, 1981 p. 105)

Tantos outros aspectos poderíamos abordar, tanto da filosofia aristotélica, quanto da sua relação com Tomás de Aquino. Mas os conceitos e os pontos expostos de ambos, já nos são o suficiente para prosseguirmos a pesquisa que nos propusemos. As fases vindouras, certamente, num momento ou outro, voltarão a esta primeira parte, quer seja para embasamento teórico, quer seja para o aprofundamento e revisão de conceitos.

⁴ Avicena (980-1037) exerceu forte influência na filosofia medieval, sobretudo de 1150 a 1250. Devido a filiação de sua doutrina à de Aristóteles, os medievais o denominaram *O Expositor*. As suas obras foram traduzidas para o latim antes das de Aristóteles, razão por que ele foi o introdutor da doutrina deste no Mundo cristão medieval. Também por esta razão as primeiras condenações católicas ao aristotelismo dirigiram-se mais para teses avicenianas, confundidas que estavam com as aristotélicas. vertida para o latim antes das de Aristóteles, razão por que ele foi o introdutor da doutrina deste no Mundo cristão medieval. Também por esta razão as primeiras condenações católicas ao aristotelismo dirigiram-se mais para teses avicenianas, confundidas que estavam com as aristotélicas.

Todo o tema terá por base essa influência de Aristóteles em Tomás de Aquino, conhecer a um e outro se torna mais do que necessário, antes de qualquer progresso. Certamente, saberemos distinguir o que é originalmente tomasiano ou o que tem por plano de fundo a filosofia aristotélica.

A partir de agora, entraremos no estudo de Aquino propriamente dito, no que diz respeito à *plenitude do ser de Deus*, numa empreitada puramente filosófica. Essas etapas precedentes (este capítulo e o próximo) são a base na construção de nosso pensamento.

3 A HIERARQUIZAÇÃO DO SER DE TOMÁS DE AQUINO

A hierarquização do ser é um tema platônico que Tomás de Aquino herdou de Santo Agostinho. Vamos a partir de agora descortinar a filosofia tomista. Nosso capítulo será organizado da seguinte maneira, trataremos do ser e da essência na primeira parte, chegaremos ao núcleo, por assim dizer, que é a *hierarquização do ser* propriamente dita que constitui exatamente a participação de todas as coisas no ser perfeito e único de Deus. E por fim veremos como está organizada a essência das substâncias simples, como a alma a inteligência e nas substâncias compostas de (forma e matéria), uma reflexão proposta no opúsculo *o ente e a essência*, obra base desta pesquisa monográfica.

3.1 A essência e o ato de ser (*actus essendi*)

No primeiro momento faz-se necessário expor o conceito de *essência*, que será retomado sempre de agora em diante. A essência como nos propõe Santos, 2012, num sentido metafísico, pode ser entendida como a “individualidade da substância” aquilo que faz com que uma coisa seja aquilo que é e não outra. E no sentido lógico, indicando a quididade o que nos permite compará-la com outras substâncias que compartilham a mesma essência.

Queremos esclarecer o sentido da expressão *quididade*, que para Aquino é uma espécie de sinônimo do termo *essência*. Como ele diz no opúsculo *De ente et essentia*, “o nome de essência é transformado pelos filósofos no nome de quididade: e isto é o que o filósofo denomina frequentemente aquilo que algo era ser” (E.E.5). E logo no ponto seguinte do mesmo opúsculo conclui o seu raciocínio “o nome quididade deriva, porém, disto que é significada pela definição; mas é dita essência na medida em que por ela e nela o ente ganha o ser”. (E.E.,6).

Temos no final da citação acima um indicativo superimportante para o enriquecimento de nossa compreensão, a importância que Aquino faculta à essência, “*nela e por ela o ente ganha o ser*” (E.E,6). O ser entendido por ele como a suprema perfeição, característica própria de Deus, vista não como ideia, mas como ato, constitui a grande novidade de Tomás de Aquino, o que lhe garante o seu próprio sistema filosófico que capaz de superar os de Platão e Aristóteles.

A essência é entendida como uma capacidade de comportar o ser. Tal questão será explicitada quando entrarmos na temática da hierarquização para entendermos que cada coisa ganha o seu ser na medida em que se aproxima do ser que é Deus, em diferentes graus ou níveis de participação. “As essências são como recipientes que contém tanto de ser quanto comporta a sua capacidade. Por isso “tudo o que por natureza é finito, é determinado pela essência de algum gênero” (SILVA,1994, p.104).

Devemos ressaltar, no entanto, a diferença que existe entre *essência e existência*. Elas são duas características de todo ser contingente, ou seja, de todas as criaturas. São dois elementos distintos, mas inseparáveis como o ato e a potência. Só em Deus o ser e a existência se identificam, porque ele é ato puro; nos entes não, eles são distintos, mas enquanto a potência se transforma em ato, o ato subsiste. “O ato de ser é algo pelo qual algo existe, a essência é um estar aí, é o fato de ser da essência”. (SANTOS, 2012)

Ora, não pode ser que o próprio ser seja causado pela própria forma ou quiddidade da coisa, quero dizer, como causa eficiente; pois, assim, alguma coisa seria causa de si mesma, e alguma coisa levaria a si mesma a ser, o que é impossível. Por tanto, é preciso que toda coisa tal que seu ser é outro que sua natureza, tenha o ser a partir de outro. (E E,54)

A essência seria esta aptidão para ser, ou potência do ser, no sentido de que só em Deus a essência se identifica com o ser, nas outras coisas não, elas não existem por si só, nem são necessariamente obrigadas a existir. Podem existir ou não, e se existem no presente, podem até deixarem de existir. Sendo assim as coisas são contingentes, e nelas definitivamente essência não se identifica com existência. Temos aqui um indicativo importante de nossa pesquisa, pois em Tomás de Aquino vemos claramente que só Deus possui a essência e a existência, enquanto os entes não, eles as recebem de Deus. Essa é uma das grandes novidades da filosofia tomista.

Portanto, deve-se crescer na compreensão do ser, visto que a essência é apenas uma capacidade de ser. E a filosofia tomista se propõe a avançar no conhecimento do ser, não se estaciona no conhecimento de essência, visto que ela não é a mais importante e que não se

identifica por si só com a existência. A grande novidade da filosofia tomista é sem dúvida a compreensão do ser.

Fica evidente que, se o discurso sobre a essência é fundamenal, mais fundamental ainda é o discurso sobre o ser, ou melhor, o ato de ser, possuído originalmente por Deus e de forma derivada e por participação pelas criaturas. Não sem razão a metafísica de São Tomás foi definida como metafísica do ser ou do acto essendi. Com efeito, o ser é o ato que realiza a essência, que em si mesma não passa de poder-ser. Trata-se portanto de filosofia do ser, não de filosofia das essências ou dos entes, mas do ser que permite as essências realizarem-se e transformarem-se em entes. (REALE, 1990, p. 567).

Segundo Mondim (1991, p. 190) faltam palavras pra descrever a grandiosidade do *ser*. O vocabulário é insuficiente diante de tudo aquilo que ele é, por esta razão, Santo Tomás às vezes recorre a superlativos. “*De todas as coisas o ser é a mais perfeita*” (*De potentia*, 7, 2, ad 9), ou ainda: “*O ser é o que mais íntimo tem uma coisa e o que de mais profundo existe em todas as coisas*”, (*Suma Teológica*, I, 8, 1). Por fim podemos dizer que, “*todos os seres diversificados(...) necessariamente devem ser causados por um ser perfeitíssimo*” (cf. *Suma teológica*, I, 44, 1).

Em relação a sublimidade do *Ser*, claro, numa compreensão um pouco diferente, mas que não desmerece a genialidade, está a de Parmênides, pré-socrático, ele que diz que o ser é uno, não se divide, por que o ser é e não pode não-ser, o todo é uno, positivo e absoluto. O ser não pode ser e não ser ao mesmo tempo, tudo o que há fora dele é o nada.

Só o ser pode exercer a função de princípio, pois não é possível ir além do ser. Enquanto todos os outros princípios permanecem ultrapassáveis, ou seja, a respeito deles se pode fazer uma pergunta ulterior, ultrapassar o ser significa cair no nada, quer dizer, no não-ser, que não é. É neste sentido que o ser possui uma primariedade absoluta. (MOLINARO, 2002, p. 22)

Em suma, do *Ser*, só se exclui o nada, ou o não ser, tal como nos propõe o princípio da não-contradição, algo não pode ser e não ser ao mesmo tempo. Que corresponde exatamente ao primeiro e mais importante de todos os princípios referentes ao ser. Não se pode negar e afirmar ao mesmo tempo e sob um mesmo aspecto algo sobre alguma coisa, é ilógico.

3.2 A hierarquização do ser

E em linhas gerais, a *hierarquização do ser* de Tomás de Aquino, tendo visto que o ser é a atualidade de todos os atos, ou seja, é a realização de todas as coisas que existem, tendo visto ainda que só em Deus a essência e a existência se confundem, nas coisas não. Aqui, vê-

se claramente a relação de comunicação da perfeição do ser de Deus com os demais seres existentes, e a participação de tudo o que existe no ser de Deus. Contudo, nada existe fora dele, pois fora do ser só o nada.

A criação é participação dos seres, por semelhança, na perfeição do Ser. A palavra “participação” é empregada por Santo Tomás tanto para descrever o ato pelo qual o ser comunica a sua perfeição aos seres como para indicar a operação pela qual os seres participam da perfeição do Ser. A primeira chama-se participação comunicativa, a segunda participação receptiva. (MONDIM, 1991, p. 191)

Tal como mostra Realle (1990, p. 181) “o ser explica a realidade em sua totalidade”, ou ainda como diz Tomás de Aquino ao se referir à grandiosidade e a plenitude do ser de Deus pois ele é “ato puro” (cf E E, 69). Já nos seres é uma junção de essência mais *actus essendi* (ato de ser). As coisas não têm em si a causa própria de sua existência, senão a propensão, por assim dizer, de receber o ser e recebendo logicamente participar de acordo com a sua capacidade da plenitude que esse Ser encerra.

Fazendo uma análise da filosofia de Tomás de Aquino, Silva (1994, p. 97) tem o Ser como sendo a expressão da perfeição máxima. Constata que se deve obedecer os princípios ontológicos da própria natureza do ser que são: Princípio de não contradição (o ser não pode não ser), princípio de identidade (o ser é aquilo que é), princípio de causalidade (relação entre causa e efeito), no caso de Aquino a relação de Deus com as criaturas, que se dá sobretudo destes três modos, filosoficamente falando : criação, comunicação e participação .

A relação primeira de Deus para com todas as suas criaturas naturalmente é a de criador, Ele cria tudo o que existe. Criar para São Tomás é dar Ser as coisas, é chamá-las do nada à existência. O ato puro, o único que existe por si, cria tudo o que existe e, nada vive ou existe fora dele. Se as coisas não fossem criadas, deveriam existir por si só, o que logicamente é impossível, a não ser que as coisas fossem necessárias, excluindo qualquer conceito de criatura e criador. Se as coisas não são necessárias, então são contingentes e tem um necessário como criador. Por tanto, tudo o que existe vem de Deus e não existe absolutamente nada que dele não tenha procedido. (cf *Suma contra os gentios* II, e. XV, 928)

Não o seria, porém se existisse alguma coisa que por natureza não dependesse dele, pois não há nada que por natureza dependa do outro e que por sua vez, não dependa dele; porque, se por natureza não depende de outro, é necessário que exista por si mesmo, e então não é possível que dependa de outro. Logo, não existe nada que não proceda de Deus. (AQUINO, 1260, apud SILVA, 1994, p. 100)

A relação de Deus com as coisas pode ser vista também como uma “comunicação”, que supera a relação de criador. Deus além de criar tudo o que existe se comunica de forma admirável com as suas criaturas, claro, na medida do possível respeitando os limites e as condições de cada um. Ele, sendo perfeito, transmite a perfeição do seu ser. Ele, sendo bom, transmite a sua bondade. “Donde se as coisas naturais, enquanto perfeitas, comunicam a outras o seu bem, com maioria de razão e por semelhança é próprio à vontade divina comunicar a outros o Ser, na medida do possível” (Cf *Suma contra os gentios II, c. XV, 928*)

A metafísica cristã de Aquino diz que tudo o que existe é bom porque participa da bondade de Deus, todas as coisas são expressões dessa bondade. As criaturas são revelações nítidas do “Bom”, aliás uma das características essenciais do ser é justamente a bondade, além da verdade e da unidade. São estes considerados os transcendentais do ser (cf Molinaro, 2002,p.74).

Outra relação de Deus com a criatura que aqui merece todo o destaque por ser exatamente dela que estamos falando é a participação dos entes no ser de Deus. O início de tal participação já se dá na comunicação como nos sugere Silva (1994,p.101). As coisas se diferenciam entre si mesmo recebendo ou participando do mesmo ser, pelo fato das próprias coisas possuírem diferentes naturezas. A essência como já dissemos noutro momento, tem a responsabilidade de definir a partir da capacidade do ente a quantidade de ser que o mesmo comporta. Podemos dizer a partir deste princípio que o Ser é recebido de Deus. (cf *Suma contra os gentios I,c. XXVI,339*)

Na hierarquização do ser, há uma espécie de “escala dos valores”, por assim dizer, quanto mais perto do ser que é Deus e que é puro ato, mas ser se obtém. Nessa escala ocuparia o primeiro lugar a *alma humana*, como diz são Tomás “o último grau nas substâncias intelectuais” (cf E E 57). Como vimos na reflexão sobre ato e potência a superposição do ato em relação à potência, porque ele é o que realmente existe, mas a determinação do ato é devido à potência que é esta capacidade que pode ser desenvolvida ou não. O próprio Tomás de Aquino explica isso no seu opúsculo o *ente e assência*. Tanto em relação à primazia do ato, quanto à sua dependência por assim dizer da potência.

E uma vez que potência e ato são postos nas inteligências, não será difícil encontrar uma multidão de inteligências; o que seria impossível se não houvesse nenhuma potência nelas (...) Há portanto, distinção delas entre si, de acordo com o grau de potência e ato; de tal modo que uma inteligência superior, que está mais próxima do primeiro, tem mais ato e menos potência e assim em relação às demais. E isto se encerra na alma humana que ocupa o último grau das substâncias intelectuais. (E E,57)

Imaginemos, pois, mentalmente, um gráfico e nele os entes, no “topo” o Ser, a perfeição o *ipsum essens subsistens*, mais abaixo o homem (alma intelectiva), logo abaixo os animais (alma sensitiva), as plantas (almas vegetativas) e, por fim, os seres inanimados como a pedra. Agora, consideremos, pois as características e qualidades de ambos. O homem ser inteligentíssimo dotado de qualidades, sendo a maior e mais perfeita a racionalidade que remete a Deus, é superior aos animais que não possuem a racionalidade, mas se movimentam e possuem a vida numa proporção maior do que as plantas eles se movimentam e possuem alguns sentidos. As plantas por sua vez são superiores às pedras, no sentido de que possuem vida, cumprem um *ciclo vital*. E, por fim, as pedras existem e têm uma essência, um princípio de individuação, que nos possibilita fazer uma distinção entre os tipos de pedras, mas são desprovidas de todos os outros atributos que existem nos demais seres, sobretudo a vida.

Vale ressaltar aqui que o homem possui duas dimensões: uma espiritual, e outra corporal. E enquanto ser espiritual, que possui uma alma, está no topo da escala dos seres, mas não esquecendo que a sua dimensão corpórea lhe confere essa outra realidade a do mundo, sendo também um ente enquanto tal.

Na hierarquia descendente das criaturas, o homem aparece como um ser dotado de duplo compromisso. Por sua alma, pertence à série dos imateriais, mas não é uma inteligência pura como a dos anjos, pois encontra-se essencialmente ligada a um corpo. Liame substanciaol do Universo, o homem é menos um elemento do Mundo, do que um novo Mundo onde se resume a totalidade. A alma humana é, assim, um horizonte onde se tocam o Mundo dos corpos e dos espíritos. (MATTOS, 1996, p. 11)

A participação de todas as coisas no ser de Deus nos revela já a grandeza e a sua plenitude. O homem tem em si o selo do ser por excelência e está sumamente dependente dele que o fundamenta e o realiza, tudo se “parece com Deus” como diz Estrada (1994, p. 87). Não incorramos no risco de cairmos num exagerado panteísmo, as coisas participam de Deus, trazem em si a marca deste ser, mas de acordo com a capacidade limitada que possuem, nem de longe são deuses, e nem existem por si só.

3.3 A essência das substâncias compostas e simples

Esta reflexão acerca da composição e da essência das substâncias compostas de matéria e forma e das simples que são pura forma se encontra nos capítulos II e IV do opúsculo *o ente e a essência* de São Tomás de Aquino, e aqui nos são úteis pois nos ajudarão a empregar os conceitos de essência e de ser que já foram abordados, sem esquecer de evidenciar que para Tomás de Aquino o ser é um última análise é o próprio Deus.

Iniciaremos a partir da essência das substâncias compostas, consideradas até pelo próprio Aquino de as “mais fáceis” (cf E E,9), de compreensão porque podem serem vistas, para daí crescermos na compreensão das que nos são mais distantes e ocultas, as mais difíceis de serem explicadas por assim dizer, isso porque são as substâncias simples constituídas apenas de forma, até chegarmos ao ato puro que é Deus.

No caso das substâncias compostas de forma e matéria, como o homem de corpo e alma, o grande questionamento seria onde está a essência, ou o que faz com que o homem seja homem?. Qual o constituinte principal do Ser, a forma ou a matéria? Qual dos dois confere a essência ao homem?. Sobre isto Tomás no seu opúsculo acima citado discorreu de forma clara e distinta, o que vamos refletir a partir de agora;

Vimos essa discussão já iniciada, quando no primeiro capítulo desta pesquisa demos a definição de substância. Tal discussão que provocava sérias reflexões acerca da sua composição, a ponto de dividerem-se os pensadores. Havia os que diziam que só a matéria constituía essa substância, os naturalistas e os platônicos que supervalorizavam a forma e atribuíam a ela única e exclusivamente a essência de todas as coisas. Já ali nessa discussão Aristóteles dava uma resposta dizendo ser o “sínolo” o composto das duas. Aqui, Tomás de Aquino retoma essa discussão e a responde. Explicando passo a passo a sua conclusão. A forma e a matéria formam um composto diz o Aquinate, logicamente o todo só é completo com as suas partes, ambas são essenciais na sua formação.

De igual modo a essência do homem não é formada apenas pela matéria, tendo em vista que ela sozinha não pode constituir o “todo do homem”, o homem é um ser transcendente, por isso, possui forma. Mas, tão pouco o ser dos demais entes materiais, tem apenas matéria, na realidade eles, são também constituídos essencialmente de forma. A matéria carece de um ato (ou de uma forma) para defini-la. “Estando a forma inserida no mundo sensível do espaço e do tempo, vem a ser ela um ser concreto e individual; e assim nascem os vários exemplares compreendidos numa mesma espécie. A matéria é assim um princípio de individuação”.(HIRSCHBERGER, 1969,p.207) . Vejamos essa explicação bem mais clara com as palavras do próprio Aquino no seu opúsculo *o ente e a essência*:

De fato, que a matéria sozinha não seja a essência da coisa é patente, pois a coisa tanto é cognoscível como é classificada numa espécie ou num gênero pela sua essência; ora, nem a matéria é princípio de conhecimento, nem algo é fixado num gênero ou espécie graças a ela, mas graças àquilo que algo é em ato. (E E,10)

Vejamos porque a essência tão perseguida por nós nesta pesquisa não pode estar também apenas na forma, embora esta seja essencial na composição de tudo o que existe. Somos capazes de perceber a importância da matéria, que carece sim de um ato, não existe sem ele, no entanto ela é o que realmente conhecemos a expressão visível por assim dizer do ato. Em outras palavras, assim como a matéria necessita do ato para defini-la, o ato necessita da matéria para a sua realização e concretização.

Também a forma sozinha não pode ser denominada essência da substância composta, embora alguns se esforcem por afirmá-lo. Com efeito, pelo que foi dito, evidencia-se que a essência é aquilo que é significado pela definição da coisa. Ora, a definição das substâncias naturais contém, não apenas a forma, mas também a matéria; pois, de outro modo, as definições naturais e matemáticas não difeririam. (E E, 12)

Em suma, nem ser a matéria constitui princípio único da essência, nem tampouco a forma. Podemos, portanto dizer que é o composto ou a união dos dois que forma a essência das coisas e conseqüentemente por ela e nela as coisas ganham ser. Não podemos anular a superposição do ato em relação à potência, e a sua supra importância na definição da essência, pois como diz Tomás de Aquino (E E, 16,17) : “somente a forma seja causa deste ser” , no entanto, “a essência é aquilo que é significado pela definição” e o princípio desta definição é a matéria.

Faremos agora o desenvolvimento da compreensão de como está a essência nas substâncias simples, como a alma, a inteligência e a própria causa primeira. E essa reflexão é considerada um tanto “mais difícil”, justamente por se tratar daquilo que é desprovido de matéria, que não pode ser contemplado pelos sentidos. Seguiremos a nossa linha de raciocínio e cumprimos o nosso projeto de pesquisa. Nossa reflexão parte da exposição do Aquinate no capítulo VI do mesmo opúsculo.

Uma informação essencial no desenvolvimento deste pensamento é que as substâncias simples também chamadas de “separadas”, como o próprio nome sugere, estão à parte da matéria. Logicamente não temos como “ver a inteligência”, nem tampouco “tocar a alma” e nem podemos referir a causa primeira e perfeita à corruptibilidade e à finidade da matéria, filosoficamente falando e até logicamente seria impossível.

Vemos, de fato, que as formas não são inteligíveis em ato, senão na medida em que estão separadas da matéria e de suas condições; nem se tornam inteligíveis em ato, a não ser pela capacidade da substância inteligente, na medida em que são elaboradas por ela. Daí ser preciso que, em qualquer substância inteligente, na medida em que são recebidas nela e na medida em que são elaboradas por ela. Daí ser preciso que, em qualquer substância inteligente, haja total imunidade de matéria, de tal modo

que, nem tenha a matéria parte de si, nem também seja como uma forma impressa na matéria como é o caso das formas materiais. (E E, 46)

Temos na citação acima um indicativo importante para a nossa reflexão, essas substâncias separadas são ato, porque são separadas da matéria e, como vimos, podem existir independente da matéria, visto que o ato pode existir sem matéria, mas a recíproca não é verdadeira. No entanto, elas não são ato puro, recebem o ser como os demais entes. Vimos essa informação implícita na expressão “na medida em que são recebidas” referendo-se ao ser que até mesmo as substâncias simples recebem e não possuem por si só. “Há também nelas a composição de forma e ser”, e como vimos só em Deus a essência se confunde com a existência, só Ele é a causa do seu próprio ser, não depende de nada extrínseco, por isso pode e deve ser chamado de ato puro ou de causa primeira.

Somos agora capazes de ver algumas diferenças entre as substâncias compostas e as simples. A primeira, e mais evidente, diz respeito à composição de matéria e forma, e é vista a partir de um mínimo esforço. A segunda é composta apenas de forma. Outra diferença é a que elencamos acima, ambas recebem o Ser de Deus, mesmo a segunda sendo apenas ato. Outra diferenciação se daria na multiplicação das substâncias compostas, onde as coisas se difeririam em espécie, gênero etc, mas nas substâncias simples essa divisão é impossível, pelo simples fato de serem desprovidas de matéria, princípio de individuação e multiplicação. Vemos claramente explicitado aquilo que dissemos na seguinte citação:

A segunda diferença é que as essências das coisas compostas, por serem recebidas na matéria designada, multiplicam-se de acordo com a divisão dela, donde acontecer que alguns seja o mesmo em espécie e diversos em número. Mas, como a essência da simples não é recebida na matéria, não pode haver aí tal multiplicação. E deste modo, é preciso que não se encontrem nestas substâncias vários indivíduos da mesma espécie, mas, tantas são as espécies quantos forem os indivíduos. (E E,51)

Visto como está a essência nas substâncias compostas e nas simples, resta-nos ver como esta pode ser vista em Deus. Em Deus a essência e o ser se confundem, ele não tem essa capacidade de receber o ser que chamamos de essência por que ele próprio é o SER, se auto-realiza e se auto-forma. “Por isso alguns filósofos dizem que Deus não em essência” ou ainda que “sua essência é o seu próprio ser” (E E,61)

As coisas dependem essencialmente Dele, tendo em vista que só existem porque participam do seu ser. “A natureza é uma hierarquização de formas, que culminam e exigem Deus” (ESTRADA,1994, p.95). As coisas exigem uma causa, evocam um princípio comum, que as cria e as ordena, elas não têm em si a realização plena, podendo existir ou não.

E como tudo que é por outro reduz-se ao que é por si, como a uma causa primeira, é preciso que haja alguma coisa que seja causa de ser para todas as coisas, por isto que ela própria é apenas ser; de outro modo, ir-se-ia ao infinito nas causas, pois toda coisa, que não é apenas ser, tem causa do seu ser, como foi dito. É claro portanto, que a inteligência é forma e ser; e que tem o ser a partir do ente primeiro que é apenas ser; e este é a causa primeira que é Deus. (E E,55)

Ao final de nossa reflexão sobre as essências nas substâncias compostas, nas simples e na substância primeira que é Deus, somos capazes de empregar também aí a hierarquização proposta por Aquino. Elas se diferenciam entre si de acordo com o grau de perfeição, quanto mais ato, mais próximo do Ato puro, o que significa dizer, mais perfeito.

Podemos considerar à essa altura de nossa pesquisa monográfica, a grandeza de Deus sobressaindo-se em relação às demais realidades, perfeito por que está no início e no fim da criação como causa primeira e final de tudo o que existe, perfeito por que tudo provém dele e só existe nele em diferentes graus e níveis de acordo com a capacidade própria de cada ente; perfeito por que de forma sublime só nele a essência perde a sua utilidade, por assim dizer, por que dela não carece, tendo em vista que já é o ser por excelência. As coisas necessitam do ato para se realizarem e existirem, ele é o Ato puro que se auto-realiza. Nas reflexões seguintes e finais de nosso trabalho evidenciaremos aquilo que até agora ficou mais velado, a sublimidade da plenitude do ser de Deus, de quem todas as coisas recebem o ser.

4 O SER DE DEUS

Agora, reflexão deste estudo versa sobre a plenitude do ser de Deus no pensamento de São Tomás de Aquino a partir da obra o ente e a essência chega ao seu ponto mais alto. Vimos a influência de Aristóteles na filosofia tomista, assim como a importância dos conceitos metafísicos da filosofia antiga, saímos e inovamos em alguns momentos, com conceitos puramente tomasianos. Conceituamos a essência e identificamos o ser que em última análise é o próprio Deus, como algo inédito, descoberta do autor; vimos todos os entes participando dele em diferentes graus e níveis, numa escala hierárquica de participação. Analisaremos agora a própria simplicidade, pureza e bondade do ser de Deus, numa perspectiva puramente filosófica.

Este capítulo organiza-se da seguinte maneira: analisaremos o próprio ser de Deus, o que se sobressai em relação aos demais entes, sua simplicidade e perfeição e demais atributos que lhe são próprios. Detemo-nos um pouco na plenitude e na perfeição do ser de Deus. Como pode ser vista e explicada, e de que forma respondemos os questionamentos iniciais

desta pesquisa monográfica, bem como uma explicação dos complementos filosóficos dos atributos de Deus. Vale ressaltar que nas etapas anteriores também estávamos refletindo sobre a perfeição do ser de Deus, senão direta mas indiretamente.

4.1 A Simplicidade do ser de Deus

As substâncias simples, como vimos, são constituídas apenas de forma, no entanto essa forma necessita de algo para realizá-la, que seria exatamente o ser de Deus, que lhe confere essência e existência. Elas recebem o ser, não o possuem por si só, o que poderíamos dizer que elas não detêm o ser enquanto tal, na sua totalidade. O que só acontece com Deus, só a ele é possível. Elas recebem o ser, ao passo que Deus é o ser. O ser das coisas é finito e limitado enquanto o dele é absoluto e pleno. Em relação ao ser das coisas poderíamos ainda acrescentar: "Donde seu ser não é o ser absoluto, mas recebido, e, por isso, limitado e finito á capacidade da natureza recipiente" mas, sua natureza ou quiddidade é absoluta, não recebida em alguma matéria. (E E.65)

Tomás de Aquino acentua ainda que pode-se dizer que "*Deus não têm essência pois ele é o próprio ser*" (cf E E.61), mas por ser apenas Ser não está privado e não excluído das demais perfeições; pelo contrário, tem em si todas as "virtudes e excelências", a simplicidade do seu ser é tão importante que concentra em si todas as demais perfeições, daí dizermos da simplicidade do ser absoluto de Deus.

Mas as têm de modo mais excelente que todas as coisas, pois nele são um, mas nas demais têm diversidade. E isto se dá por que todas essas perfeições cabem-lhe de acordo com o seu ser simples: Assim como se alguém pudesse efetivar as operações de todas as qualidades por meio de uma qualidade, teria todas as qualidades nessa qualidade única. Assim Deus tem todas as perfeições no seu próprio ser, (E E, 64)

Deus reúne em si numa única qualidade tudo o que no mundo é diverso, a sua perfeição é tal que na unidade do seu ser comporta todas as perfeições de todos os entes diversos no Mundo. Daí a importância de darmos destaque a simplicidade do Ser de Deus, a grandiosidade que ele evoca, pois ele concentra nesta simplicidade pura, a perfeição máxima e inatingível aos entes, possível somente a ele (Deus).

Ainda sobre a simplicidade do ser Deus podemos dizer que se dá devido a sua autorrealização, por assim dizer. Ou seja, ele não necessita de algo extrínseco a ele para existir, tendo em si a sua plena realização e existência. Como vimos na reflexão acerca do movimento proposta por Aristóteles, se o perseguirmos veremos que no seu início está a

causa primeira que move as demais etapas. Sendo Deus o motor imóvel que não pode ser movido por nada, pois uma coisa não pode ser e mover-se ao mesmo tempo.

Do exposto segue também que a causa primeira motora é necessariamente simples. Pois em tudo quanto é composto há dois elementos que estão um para o outro como a potência está para o ato. Ora na primeira causa motora, se for totalmente imóvel, é impossível que haja potência e ato, pois tudo o que está em potência é passível ao movimento. Conclui-se daqui a impossibilidade de a causa primeira ser composta. (MATTOS, 1996, p.158)

Sobre tal reflexão acerca do movimento também se debruçou Santo Tomás de Aquino, quando formulou as cinco vias que provam a existência de Deus. Sendo que a primeira delas postula que se chega até Deus através do movimento. “Assim tudo que se move é movido por um outro. Ora na série dos motores essencialmente ordenados, não se poderá ir ao infinito, mas se deve atingir um primeiro motor imóvel” (HUGON, 1998, p.200). Sendo que este motor imóvel é ato puro, ou simplesmente ato, não está passível a transformação, é simplesmente Ser, é uma simplicidade completa e eterna.

A primeira causa que move tudo, não é movida por nada, deve ser simples, por que tudo que é composto é precedido de outro logicamente. Deus sendo puro ato, realização total de si mesmo, não carece de outro que lhe anteceda para lhe dar existência por assim dizer. O que nos permite concluir dizendo que: “costatamos que os elementos mais simples precedem por natureza aos corpos mistos ou compostos” (cf MATTOS, 1996, p.138). “De exposto segue também que a causa primeira motora é necessariamente simples (...) O primeiro dentre os seres deve ser, por necessidade, totalmente simples” (*idem*)

Se já dissemos ser simples as substâncias compostas de apenas forma (cf cp II), como a inteligência, a alma que são definitivamente isentas de materialidade, com maior razão pode-se dizer de Deus que é puro ato a sua simplicidade supera. As substâncias simples existem separadas da matéria, pois como se diz “Com, efeito, é entre os elementos superiores que encontramos os quantitativamente maiores, como também na simplicidade” (cf MATTOS, 1996, p.164)

Se já reconhecemos como “especiais” as substâncias simples, compostas de forma, existindo independente da matéria, não estando sujeita a corruptibilidade, sendo apenas ato, mesmo tendo que ressaltar que elas não se bastam, necessitam do ser de Deus como qualquer outro ente para existir, como já dissemos. Temos que reconhecer mais uma vez que acima delas está a “simplicidade por excelência” por assim dizer que é Deus, que de muito as supera, pois nele essência e existência é a mesma coisa, ele é o seu próprio ser.

Vimos que Deus é uma substância inteiramente simples, e no qual não pode haver partes e divisão. No entanto, nosso espírito limitado, não podendo traduzir num só conceito esta única e transcendente realidade, recorre a múltiplos e variados termos; os qualitativos que damos a à natureza divina. (HUGON, 1998, p. 222)

Em suma, como vimos, podemos resumir a cerca da simplicidade do ser de Deus. Que Ele é puro ato, não está sujeito a transformação e a mudança que a potência sugere. Ele não é composto, feito de matéria e forma. Não dependendo de outro fora de si pra existir. Não se pode completar o que já pleno, por assim dizer, além de possuir numa propriedade única, aquilo que no mundo é diverso, tem numa única perfeição, todas as perfeições existentes nos seres. Todos esses dados apontam e confirmam a simplicidade do ser infinito de Deus.

4.2 A perfeição do ser de Deus

Tudo o que se refletiu nas etapas anteriores só apontaram para este fim, podemos com propriedade a partir de princípios lógico-rationais, dizer que o *Ser de Deus é perfeito*, é pleno e se auto realiza. Ele cria, movimenta, distribui o seu ser a todas as criaturas, dando-lhes a partir de si a existência. Com a grandiosidade e infinitude próprias dele, características que só a ele podem ser atribuídas. Como fora dito a grande novidade do pensamento de Aquino é justamente esta, a descoberta do Ser, que em última análise é o próprio Deus.

Com efeito, este ser que é Deus é de tal condição que nenhuma adição lhe pode ser feita; donde, pela sua própria pureza, ser um ser distinto de todo ser. Pelo que no comentário da nona proposição do livro das causas, diz-se que a individuação da primeira causa que é apenas ser, se dá por sua pura bondade. (E E, 63)

Se as coisas, com toda a sua contingência e finitude já revelam a perfeição, com o dobro de razão, pode-se dizer de Deus, ser perfeito, que ordena e sustenta todos os entes. Se dele participa, dele ganham o ser, e revelam a partir de sua existência a plenitude que é o seu criador e mantenedor. É lógico que não se pode transmitir o que não se tem, com maior razão pode-se dizer em relação a Deus, que distribui de acordo com a capacidade de cada ente o seu ser, e cada ente com a sua possibilidade e contingência revela a grandeza e a perfeição de Deus.

Daqui segu-se que todas as perfeições encontráveis em qualquer coisa estão presentes, originariamente e em super abundância, em Deus. Com efeito, tudo que conduz algo a perfeição deve antes, ele mesmo, possuir tal perfeição, assim como o mestre, antes de poder transmitir a ciência aos outros, deve possuí-la ele mesmo. Se por conseguinte, Deus é a primeira causa motora, que induz todas as outras coisas à

perfeição, é necessário que em todas as perfeições das coisas preexistam nele em superabundância. (MATTOS, 1996,p163)

Daí podermos afirmar que Deus está nas coisas por que como afirmamos anteriormente ele se “comunica” com elas e elas porconsequente revelam a sua bondade,e que elas participam do seu ser, em maior ou menor grau. “É por isso que, nele, a divindade só existe em seu grau supremo, mas não como um privilégio único; o divino está onde quer que esteja o ser, por que não há ser, que não reivindique a plenitude e o privilégio da divindade”. (GILSON,2006,p.62)

Com esta afirmação não incorremos o risco de interpretá-la como um pensamento de cunho panteísta. Como fora dito noutro momento, em Deus o ser e existência são a mesma coisa, nos entes isso é impossível, tendo em vista que eles não possuem o ser por si só, mas o recebe. Temos nessa explicação o argumento que esclarece qualquer dúvida a cerca da unidade de Deus e da contingência das coisas. Elas revelam a perfeição de Deus, não são ele. “ O grau de divindade é proporcional ao grau de ser; o ser mais divino é portanto o ser mais ser, ou o ser mais ser é o Ser universal ou o Todo do ser” (cf MATTOS,2006,p.60)

Quanto mais ser se tem, mais perfeito se é; ora, Deus não possui o ser, ele o é, pode-se dizer que possui a “*perfeição das perfeições*” ou ainda é ‘simplesmente perfeito” (cf E.E,n.64). Podemos encontrar essa reflexão ainda no opúsculo a pouco citado, mas que na verdade remonta à metafísica de Aristóteles (cf *Aristóteles M*,v, 16,1021b, 30;v, 21,62 a,10-13). Deus possui todas as perfeições no seu ser simples, reflexão que começamos no tópico primeiro de nosso capítulo, aqui ganha mais uma vez ênfase acima de tudo confirmação.

Ao ser de Deus nada se tira e nada se acrescenta, sendo ele plenamente completo, realizado e imutável. Pois logicamente, a mudança e a transformação, sugerem limitação e imperfeição, são características e atributos próprios dos seres contingentes e finitos, em Deus isso seria absolutamente impossível. Pois como repetidas vezes têm-se refletido é que algo bem presente no pensamento tomista é exatamente a imagem de um Deus que se auto realiza, o ser subsistente, nele existência se identifica com essência. Por isso podemos afirmar que “*essentia sua est suum est*” , Deus é sua essência, e sua essência é o ser mesmo (cf *Suma teológica I,34*)

O ser divino é necessariamente eterno, pois a existência é sua essência mesma; ele é não menos necessariamente imutável, pois nada poderia se acrescentar a ele ou ser retirado dele, sem destruir sua essência, ao mesmo tempo que sua perfeição; ele é, por fim, repouso, como um oceano de substância integralmente presente a si e para quem a própria noção de acontecimento seria disponível. (GILSON, 2006, p.74)

Por conseguinte pode-se confirmar ainda em relação a *plenitude do ser de Deus*, que ele existe em si mesmo. É o que verificamos na expressão do próprio Tomás de Aquino, Deus é o ser subsistente, o “*ipsum esse subsistens*” (cf *Suma teológica* I,3,4). E o ser de Deus, é diferente daquele ser comum à todos os seres existentes “*esse comune*” (*idem*). Vemos essa reflexão também no opúsculo o ente e a essência, quando Aquino faz claramente a distinção do ser nas coisas e em Deus. Nas coisas ele não é absoluto, mas recebido, por isso limitado e finito (E E, 65), e Deus o ser é simplesmente perfeito (E E, 64). Em todas essas reflexões sobressai-se direta ou indiretamente a supremacia, a plenitude a perfeição do ser de Deus.

Uma forma clara e distinta de se colocar em evidência a perfeição e a plenitude do ser de Deus, seria exatamente fazendo a comparação do seu ser com o ser das coisas, que não é outro, mas que também não é pleno e completo como em Deus. Pois Deus sendo a causa primeira e ordenadora de todas as coisas deve ter a perfeição no nível mais pleno e realizado possível, donde se dizer que ele é a perfeição. Pois como se diz que “Deus é a primeira causa eficaz de as todas as coisas, as perfeições de todas as coisas devem preexistir em Deus de uma forma eminente, *Secundum eminentiorem modum*”. (cf *Suma teológica* I,3,4). Ou ainda “nada da perfeição lhe pode faltar, todas as perfeições pertencem à perfeição do ser” (*idem*, 4, a2).

Visto que a partir das coisas, chegamos a perfeição do ser de Deus, pois ele é absoluto e plenamente realizado. De certa forma, a imperfeição das coisas se comparadas a Deus só apontam e manifestam a sua plenitude e a sua perfeição. Esta citação a seguir é muito importante no esclarecimento de tudo aquilo que fora dito:

Alguns destes termos expressos por nomes negativos, excluem diretamente de Deus as imperfeições das criaturas, e, indiretamente, levam à conclusão da sua perfeição super-eminente. Assim a infinidade significa que Deus não é limitado por aquilo que limita as criaturas, e, consequentemente, que ele em si mesmo possui a plenitude do ser, da vida, etc. A imensidade, a eternidade que Deus ao contrário das criaturas, não é limitado nem pelo espaço, nem pelo tempo, e, por consequência, que ele é plenamente a perfeição. (HUGON, 1998, p. 122)

Enquanto as coisas tendo o ser recebido, como foi mostrado são limitadas e contingentes, tiveram o início e estão sujeitas a um fim. “Contingente é aquilo que não é ontologicamente necessário, aquilo que tanto pode ser como não ser. Se “é” existe, não é a partir de sua própria essência, possui o ser de um outro” (CORETH, 2009, p. 416). A grandeza e a perfeição do ser de Deus é nítida e clara nesta comparação, podendo dizer definitivamente que é perfeito e pleno.

Consideremos que o ser em Deus não é como nós, o ínfimo degrau, ao qual se juntam a vida e a inteligência, mas que ele é a fonte, a plenitude, o cume, o resumo de tudo. Nas criaturas, o ser Simples, por que é recebido na essência, aparece-nos como nu e incompleto, tanto assim que as perfeições ulteriores da vida e da inteligência não o vêm a completar e coroar. Mas o ser subsistente, tomado em toda sua acepção, diz mais que a vida só ou que as perfeições que dela deriva, por que ele diz toda plenitude da perfeição. (HUGON, 1988, p.212)

É ainda sobre a contingência dos seres o que se acrescenta é que foi a partir dela que Tomás de Aquino formulou a terceira via que prova a existência de Deus. Ora, é lógico que os seres criados houve um tempo em que eles não existiam, e como não são eternos, um dia deixarão novamente de existir. O que podemos dizer que necessitaram de algo ou de alguém para serem criados, no caso Deus; o único necessário. “Tomás de Aquino, aponta a necessidade metafísica de uma explicação para o que existe contingentemente (...) O argumento aponta que há ao menos algo necessário, não perecível. (ESTRADA, 1994, p.80). O que se sobressai mais uma vez, mesmo que indiretamente é a perfeição e a plenitude de Deus, que é eterno, necessário. não sujeito a nenhuma mudança nem tampouco a corrupção.

4.4 Complementos filosóficos sobre os atributos e a perfeição do ser de Deus

E por fim, destacaremos alguns outros atributos de Deus que não deixam de estar inclusos nos que já estudamos até agora, que só enriquecem ainda mais a nossa pesquisa. Todos os atributos de Deus, complementam ou formam por assim dizer, a plenitude e a perfeição do seu ser, pois o todo é feito de partes. Procuramos evidenciar os principais atributos elencados por Tomás de Aquino que certamente recuperou de Aristóteles ou de outros tantos pensadores que foram já citados. Sem esquecer que a identificação de Deus com o próprio ser e algo inédito do próprio Tomás de Aquino (cf MONDIM 1981 ,p.189). São frutos de reflexões lógico-rationais, resgatados da metafísica considerada o coração da filosofia.

Podemos, Pois, dizer que os atributos de Deus só a ele podem ser aplicados. Para não correremos o risco de cair num antropomorfismo, atribuímos a Ele algo que na verdade é da natureza humana corruptível. Tudo o que existe nele e que dele dizemos é de forma plena e perfeita, tudo o que recebemos na participação do seu ser, respeitam a nossa condição e a nossa contingência. A essência sendo a capacidade que dita o quanto de ser comportamos, em maior ou menor grau de proximidade. (cf cap II)

Deus é uma substância, isto é, uma realidade primeira, que não tem necessidade de suporte algum para existir, única, isto é, que ela não se realiza senão em um só Deus, que não pode se multiplicar em muitos seres; inteiramente simples, por que não pode existir em Deus partes, nem distinção, nem divisão, tudo é perfeição e atualidade espiritual, isto é, que Deus é um puro espírito e que o antropomorfismo real não tem sentido. (HUGON, 1998, p.221)

A multiplicidade dos atributos que usamos para entender a Deus, de forma alguma o divide ou o limita nem tampouco fazem perder a sua grandeza e a sua perfeição. Pelo contrário, usamos os atributos como caminhos por assim dizer, para se chegar na realidade suprema e única, todos correspondentes ao ser de Deus como realidades que o formam e não que o definem totalmente. Pois como se diz “Como se alguém pudesse efetivar as operações de todas as qualidades, por meio de uma qualidade, teria todas as qualidades nessa qualidade única” (cf E.E,n.64). Em suma a simplicidade do ser de Deus reúne numa única qualidade todas as perfeições que lhe atribuímos “Deus tem todas as perfeições no seu próprio ser” (*idem*).

Percebemos a necessidade de recorrer a atributos que melhor explicam e formulam o ser de Deus, para que melhor seja compreendido. Esses atributos de nada acrescentam ao que Ele realmente é, mas na verdade servem para a própria inteligência humana que busca pelo exercício da razão estudá-lo e compreendê-lo. Diante dos limites da inteligência humana recorreremos a essas qualidades divinas, e a partir delas se chega ao conhecimento de sua plenitude e perfeição, numa empreitada puramente racional.

De outra parte, nossa inteligência tem necessidade de conceitos variados para melhor compreender a soberana perfeição. Se nós vissemos a essência divina intuitivamente, como os bem aventurados, uma só ideia, uma só palavra, ser-nos ia suficiente para ver e dizer Deus, no entanto, porque o nosso conhecimento é fragmentário, somos obrigados a multiplicar os conceitos e os termos, a fim de chegar por esse longo trabalho à apreensão de Deus sob seus diferentes aspectos, a descrevê-lo de um modo mais completo, e a defini-lo com maior exatidão: as perfeições sucessivamente estudadas nos fazem penetrar nas profundezas e na plenitude da divindade. (HUGON, 1998, p.225)

A plenitude do ser de Deus desafia a nossa inteligência, por ser Ele infinito, seria impossível conhecê-lo inteiramente como ele realmente o é, devido à sua expansão. Ora, se detivéssemos o conceito total de Deus, tal como ele o é, limitar-nos-ia e pois como sabemos tudo que é limitado é imperfeito. “E é por isso que os gregos anteriores a era cristã nunca deixaram de conceber a infinitude como uma imperfeição” (GILSON, 2006, p.75). Nossos conceitos, por mais bem elaborados que sejam, são incapazes de definir a Deus tão como Ele é, seria até uma contradição contra o próprio tema desta pesquisa monográfica que trata da

sua perfeição. Ora, como pode o imperfeito e o limitado abstrair a plenitude da perfeição? O infinito “ser posto numa forma?”. Seria ilógico e impossível, tudo o que se diz dEle é pouco mediante aquilo que ele realmente é.

Visto sob este aspecto, o Ser divino desafia mais que nunca a abrangência dos nossos conceitos. Não há uma só das noções de que dispomos que, de certo modo, não falhe quando tentamos aplicá-la a ele. Toda denominação é limitação; ora, Deus está além de qualquer limitação, logo está além de qualquer denominação, por mais elevada que seja. Em outras palavras, uma expressão adequada de Deus seria Deus. (GILSON, 2006, p.75)

Podemos constatar ainda como sugere Coreth (2009, p.413), acerca da peculiaridade do estudo de Deus, sobre três aspectos, em relação ao primeiro, podemos afirmar: “*Deus não pode ser verificável ou falsificável empiricamente*”. Vimos desde o início de nossa pesquisa que Tomás de Aquino bebe da fonte da metafísica de Aristóteles, e constrói também o seu edifício metafísico, perseguindo a causa primeira de todas as coisas, o princípio movente de tudo o que existe. Ora, estudar metafísica supõe-se estudar realidades para além da física, realidades imateriais, abstratas, como a alma, a inteligência e o próprio Deus. Não podendo logicamente, ser provado de forma empírica.

No segundo aspecto, que também nos interessa nesse estudo, sobre a perfeição do ser absoluto, seria a certeza que “A infinita realidade de Deus ultrapassa tudo o que podemos representar humanamente ou mesmo pensar (...) Deus vai além de tudo o que podemos apreender e entender com ele” (CORETH, 2009, p.413). Como fora dito noutro momento deste mesmo tópico, nossos conceitos são apenas aproximação ou ilustração pálida daquilo que ele realmente é. Como tão bem enuncia nosso autor São Tomás de Aquino: De todas as coisas o ser (que é Deus) é a mais perfeita “*esse est inter omnia perfectissimum*” (cf *de Potencia*, 7,2 ad 9)

No terceiro e último aspecto sobre a peculiaridade do estudo de Deus, pode-se dizer ainda que é postulado sobre a disposição por assim dizer da pessoa que se propõe a pesquisar e a estudar Deus. Podendo dizer que o conhecimento do ser absoluto que é Deus, mesmo que seja a partir de critérios racionais, tem haver com a compreensão de si, do Mundo das coisas que o pesquisador possui. Em outras palavras afirmamos que tem muito a ver com a pré-disposição do pesquisador e da aceitação ou não que ele tem Deus. Podemos constatar por fim a proposta deste terceiro aspecto nestas seguintes palavras:

Significa uma decisão fundamental que que tem a ver existencialmente conosco: o sentido de nossa vida, nosso pensamento, nossa vontade e ação. Não indiferente se

acreditamos ou não em Deus, se somos criados e chamados por ele, orientados para ele e nos sabemos ou não responsável diante dele. A fé em Deus é decisão livre, podendo tornar-se mediante motivos racionais, convicção livre e emancipadora (...) Isso pressupõe, porém, como toda prova de Deus, que sejamos a partir da essência do espírito finito orinalmente abertos ao absoluto, orientados para Deus. Do contrário não podemos nem falar de Deus, nem mesmo perguntar por ele, menos ainda conhecê-lo. (CORETH,2009,414-415)

Procuramos evidenciar a estrutura e a genuidade do pensamento de Santo Tomás de Aquino, acerca da perfeição e da plenitude do ser, que é Deus. A perfeição máxima do ser é algo próprio da filosofia tomista, é uma contribuição inédita para a filosofia na sua totalidade. Algo de diferente e distinto do que antes fora proposto por Platão e Aristóteles, apesar de Tomás os tomarem como inspiração sobretudo Aristóteles. Para Aquino, como repetidas vezes fora afirmamos ao longo deste trabalho, Deus é o próprio ser, a essência d'Ele se identifica com a sua existência, ou seja, são a mesma coisa. Pensamento próprio de Tomás, que mostra já toda a organização de sua filosofia do ser. Como veremos, na citação na seguinte citação:

A perfeição máxima é o ser: não a ideia de ser, mas o ato de ser. Esta é a grande e genial intuição de Tomás de Aquino, intuição que lhe permite construir novo sistema filosófico, diverso dos de Platão e Aristóteles; sistema totalmente novo, mesmo nos elementos que Tomás aceita de Platão e Aristóteles, por que ele os batiza nas águas ilustrais de sua noção de ser. Para que esta afirmação não pareça gratuita, citemos logo alguns dos maiores problemas que Tomás está em condições de resolver com seu novo conceito de ser. Com ele é-lhe possível precisar em que consiste a natureza de Deus: a sua essência constitui-se exatamente pelo ser, sendo o ser suprema perfeição, e, por isso, a que mais convém a Deus. (MONDIM, 1981,p.189)

Esta pesquisa buscou percorrer o caminho racional que Aquino empreitou, para se chegar até Deus na sua perfeição e plenitude, a partir das ideias do grande Aristóteles, também alcançado pela forte influência platônica. Por exemplo, a participação que Aquino formulou, já havia sido proposta por Platão, salvo as diferenças. Todas as coisas participam do ser de Deus, a ideia eterna e imutável no pensamento de Platão.

Procuramos de todas as formas elucidar a grandiosidade do Aquinate para a filosofia, mesmo que ele seja muitas vezes mais evidenciado apenas como um ilustre teólogo. Aqui detevi-ve-mo-nos tão somente na sua filosofia, que é digna de admiração e respeito. Por isso, neste trabalho, "Tomás de Aquino é lembrado com mais frequência não por seu tratamento de atributos divinos tais como onisciência e onipotência, mas por seu empenho em estabelecer, mediante métodos puramente filosóficos, a efetiva existência de Deus." (KENNY, 2008,p.339)

“A perfeição absoluta do ser é o princípio fundamental sobre o qual São Tomás erige o seu edifício metafísico” (SILVA, 1994,p.95). Temos na citação acima, uma das ideias principais e o núcleo de toda esta pesquisa monográfica. Na qual fora dito também que “em Deus reside a plenitude da perfeição do ser, e através desta, a plenitude de qualquer outra perfeição.”(idem). As coisas participam deste ser e comunicam a sua perfeição. E por fim, aludimos com isso o propósito que se buscamos atingir, a plenitude do ser de Deus. “Se o ser abrange tudo, tal pressuposição expressa que o pensamento está no ser. Isso revela a própria atitude intelectual de Santo Tomás. Não existe doutrina filosófica e teológica que ele não tenha redimensionado, repensado na perspectiva do ser.” (idem)

Em suma pode-se dizer que a filosofia tomista que fora estudada, “é uma filosofia otimista, porque descobre um sentido profundo no fundo daquilo que existe, é uma filosofia do concreto” (REALLE, 1990,p.558). E que tem Deus por ponto mais alto, cume do seu pensamento e de sua filosofia, sobressaindo sempre direta ou indiretamente a plenitude a perfeição do seu ser absoluto, eterno e imutável. Gerador da vida, e da existência de todos os seres contingentes.

5. CONCLUSÃO

Este esforço intelectual foi uma descrição da filosofia tomista, sobre a simplicidade e a perfeição do ser de Deus, numa perspetiva puramente racional. O empenho em desenvolver esse trabalho nasceu no estudo da disciplina metafísica, considerada o “coração da filosofia”, ou a “ciência dos princípios”, ou a ciência que estuda o ser. A partir do opúsculo “*O Ente e a Essência*” que aborda dentre outros assuntos a grandiosidade da causa primeira, o ser pleno e realizado do qual tudo ganha a existência, e ainda aquilo pelo qual o ser é, simples, perfeito plenamente realizado, respondendo todo o questionamento proposto no início deste trabalho monográfico. Embasado na filosofia tomista, mesmo que de certa forma precedida pelo pensamento aristotélico.

Tomás de Aquino construiu um novo sistema filosófico, afirmando que a perfeição máxima é o ser, e o ser é o próprio Deus. Diferentemente do que dissera seus predecessores Platão e Aristóteles, mesmo aceitando deles muitos elementos importantes. Não é atoa que se diz que Tomás cristianizou Aristóteles, batizando-o, por assim dizer na sua noção genial e inédita de ser. Para Tomás, só em Deus a essência e a existência se identifica, nos entes isso seria impossível, isto seria exatamente um dos fortes exemplos da grande novidade de seu pensamento. Para Tomás, as palavras parecem não conseguir expressar o ser, recorrendo por vezes a superlativos para falar de sua grandiosidade e infinitude.

Foi necessário, para a compreensão de Aquino o estudo prévio da estrutura basilar da metafísica de Aristóteles, pois foi a partir dela que o mesmo erigiu o seu pensamento, inspirou-se nela, porque a via como a filosofia da verdade, e era exatamente a verdade que perseguia para fundamentar a sua doutrina, baseado na razão natural. Tomás completa o que há de incompleto em Aristóteles, o que há de contrário a sua fé, pois além de ser cristão buscava um objeto seguro para fundamentar o seu saber teológico.

Também foi perceptível, claramente, que na filosofia tomista, a presença de Deus como sendo esse princípio fundante de todas as coisas, nele e por eles todas elas existem, em diferentes graus ou níveis de participação, é o motivo de darmos a devida ênfase ao estudo da hierarquização do ser. Deus é aquele ser único e eterno pelo qual tudo existe formalmente, este ser que é Deus é de uma condição tal que nenhuma adição lhe pode ser feita, ele já é plenamente realizado é o ser mais simples é o ato puro.

Aproveite-nos também estudar as outras formas de relação desse ser perfeito com as criaturas, a primeira e a mais enfatizada neste contexto é a participação, mas não seria somente esta, antes mesmo havia a relação de criatura e criador, porque o ente sendo

contingente não se bastaria, tendo início, não poderia se autoformar, necessitaria logicamente de um criador, caso contrário seria eterno, hipótese que já descartamos dizendo que só em Deus isso poderia acontecer. E a última relação, mas não menos importante seria a comunicação. Deus comunica o seu ser às criaturas, que dele participam, elas revelam e traduzem a grandeza, a bondade e os demais atributos do Ser, não esquecendo que revelam de acordo com a sua essência capacidade finita e limitada, elas recebem o ser enquanto Deus é o ser.

Os atributos filosóficos de Deus, que também foram essenciais nesse constructo, nada mais são do que características de Deus que a nossa consciência recorre para melhor entendê-lo. Nada acrescenta aquilo que Ele realmente é, nem tampouco o diminui ou o põe em “formas”. Neste sentido, procuramos mostrar como o próprio tema deste trabalho sugere que a perfeição máxima de Deus não se pode ser sondada por inteiro, seria impossível a plenitude ser entendida pelo limitado é apenas um esboço aproximado, mas que merece credibilidade filosófica e científica.

A perfeição de Deus está implícita indiretamente nos entes, por isso procurou-se estudar a composição das substâncias simples e compostas. Que não deixa de ser também uma forma de aplicar na prática o que ensina a teoria da hierarquização do ser. As substâncias simples, compostas apenas de ato, mais perto do ser, mesmo que ainda não o possuam por si só, mas o recebe. E as substâncias compostas de forma e matéria, onde um necessita do outro para comporem sua essência ou sua substância e ambos necessitam de Deus para existir.

Embora o pensamento de Tomás de Aquino seja oriundo do século XIII, era medieval, suas reflexões filosóficas são ainda muito pertinentes. Visto que a existência, a perfeição a plenitude do ser de Deus, movem ainda hoje várias reflexões científicas. Por ser Deus o maior enigma por assim dizer de todos os tempos, o que mais desafia a capacidade racional e cognitiva do homem. As reflexões tomistas, muito contribuem com os nossos tempos, muitos são os pesquisadores e inúmeras investigações acadêmicas e científicas que se baseiam nele, pois Ele conseguiu através de métodos lógico-rationais mostrar a grandeza de Deus, até então nunca alcançada, a perfeição até então nunca explicada.

Por fim, é pertinente dizer, convictamente, que mais que manifestar a Deus pelos sentimentos ou pela manifestação da fé, pode-se chegar a ele pela razão, de forma lógica, como tão bem o fez Aquino, já bem antes Aristóteles, e tantos outros de ontem e de hoje que se dedicam a esta desafiadora proposta. Seria frustrante se tentássemos medi-lo a partir de nossos critérios humanos, antes de nossos pequenos conceitos, Ele já existe, e totalmente independente deles. Com isso. Mostramos também que Tomás de Aquino é grande também

na filosofia e que seu pensamento pode ser muito bem aproveitado pela razão independente da fé.

BRUNO, E. O. *Teoria da Filosofia*. Trad. de J. J. de Almeida. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

BRUNO, E. O. *Teoria da Filosofia*. Trad. de J. J. de Almeida. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

BRUNO, E. O. *Teoria da Filosofia*. Trad. de J. J. de Almeida. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

BRUNO, E. O. *Teoria da Filosofia*. Trad. de J. J. de Almeida. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

BRUNO, E. O. *Teoria da Filosofia*. Trad. de J. J. de Almeida. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

BRUNO, E. O. *Teoria da Filosofia*. Trad. de J. J. de Almeida. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

BRUNO, E. O. *Teoria da Filosofia*. Trad. de J. J. de Almeida. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

BRUNO, E. O. *Teoria da Filosofia*. Trad. de J. J. de Almeida. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

BRUNO, E. O. *Teoria da Filosofia*. Trad. de J. J. de Almeida. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

BRUNO, E. O. *Teoria da Filosofia*. Trad. de J. J. de Almeida. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

BRUNO, E. O. *Teoria da Filosofia*. Trad. de J. J. de Almeida. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

REFERÊNCIAS

AQUINO, T. **O Ente e a Essência**. Trad.de D. Odilão Moura, introdução, tradução e notas..Rio de Janeiro:Presença 1981.

AQUINO, T. **O Ente e a Essência**. Tra.de. Carlus Arthur do Nascimento. Petrópolis RJ: Vozes, 2005

CORETH, Emerich. **Deus no pensamento filosófico**. Trad.de. Francisco de Ambrósio Pinheiro Machado. São Paulo: Loyola, 2009.

DURANT, Wil. **A filosofia de Aristóteles**. Trad.de. Maria Theresa Miranda, ed. Tecnoprint. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1994.

ESTRADA DIAZ, Juan Antônio. **Deus nas tradições filosóficas**. Aporia e problemas da teologia natural. São paulo: Paulus, 2003.

GILSON, Étienne. **O espírito da filosofia medieval**. Trad.de. Eduardo Brandão Ed. Livraria Martins Fontes. Rio de Janeiro: Martins Fontes 2006.

HIRSCHBERGER, Johannes. **História da filosofia na antiguidade**. Trad.de. Alexandre Correia. 2 ed. São Paulo: Herder, 1969.

HUGON, Edouard Padre. **Os princípios da filosofia de São Tomás de Aquino**. As vinte e quatro teses fundamentais. Trad.de. D. Odilão Moura O.S.B. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.

KENNY, Anthony. **Uma nova história da filosofia Ocidental**. Filosofia medieval. Trad.de. Edson Bini. São Paulo: Loyola, 2008

MATTOS, Carlos Lopes, **Santo: Tomás de Aquino, vida e obras**. Bauru SP: Nova Cultura, 1996

MOLINARO, Aniceto. **Metafísica**. 2 ed. Curso sistemático. São Paulo: Paulus, 2004.

MONDIM, Batista. **Curso de filosofia**. 13ª ed. São paulo: Paulus, 2005

MONDIM, Batista. **Quem é Deus ?**. elementos de teologia filosófica. São Paulo: Paulus, 1997.

MORA, J. Ferrater. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Loyola, 2001.

REALLE, Giovanni; ANTISERI, Dário. **História da filosofia**. Antiguidade e Idade Média. São Paulo: Paulus, 1990

SANTOS, Renan. **Filosofia Concreta. O ser concreto em Aristóteles e Tomás de Aquino**, disponível em: <<https://filosofiaconcreta.wordpress.com/edicao-no-1/o-ser-concreto-em-aristoteles-e-tomas-de-aquino/>>.

Acessado em: 23 de setembro de 2015.

SILVA, Márcio Borda. **Metafísica do Assombro**. Curso de ontologia. São paulo :Paulus, 1994.

TORRELI, Jean-pierre. **Iniciação a São Tomás de Aquino**. Sua pessoa e suas obras. São Paulo: Loyola, 1999.